carioquice

publicação trimestral . ano VII . n:26 . jul/ago/set 2010
ISS 1981-6049

"sonho meu, sonho meu, vai buscar quem mora longe, sonho meu"

apud dona ivone lara/delcio carvalho

primeiríssima-dama

a bênção, dona ivone

publicação trimestral . ano VII . n:26 . jul/ago/set 2010
carioquice

www.ambev.com.br

"Sustentabilidade. Antes mesmo dessa palavra estar na moda eu já trabalhava nisso."

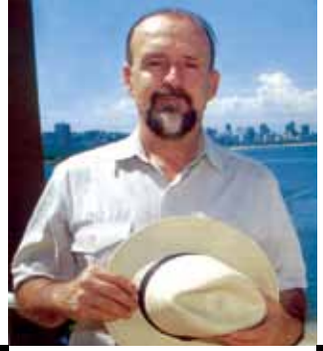
Jaqueline Janssen Luft
Gerente de Meio Ambiente

LODUCCA

Em 2000, comecei a trabalhar aqui na área de meio ambiente. Muito antes disso a Ambev já investia em ações que buscavam o equilíbrio entre ganho econômico e socioambiental. Tive a oportunidade de realizar diversos sonhos: fizemos um mutirão onde transformamos menores infratores em ajudantes de limpeza com um programa de coleta seletiva, implementamos a Horta Escolar e criamos um projeto que reduz o impacto da produção na natureza e nas comunidades. Deu tão certo que exportamos essa ideia para outros países. Sustentabilidade é mais que uma palavra aqui na Ambev, é um sonho que realizamos todos os dias.

Ambev. Feita por gente e sonhos.

ambev



Esquina do Ricardo

ah! Vinícius...

Há alguns mortos — agregados ao nosso afeto — que ao longo do tempo deixam mais saudades que outros. Vinícius de Moraes, por exemplo, é um desses que, trinta anos depois da morte, continua a me fazer muita falta. O poeta foi celebrado há pouco no Salão Nobre do Palácio do Itamaraty em memorável noite (em que tive a honra de apresentar e roteirizar), com cerimônia, coquetel e exposição a que ocorreram o corpo diplomático acreditado em Brasília e o Ministério do Governo Lula. Vinícius deixou, além da grande poesia e da bossa nova, um legado singular aos que o conheceram: a vontade sistemática de tê-lo por perto e a ausência persistente de sua presença luminosa, generosa, oportuna.

A consagração oficial ao poeta ocorreu nesse finalzinho do mês de agosto, ocasião em que ele resplandeceu mais uma vez. E ali — na solidão do Planalto, que ele cantou com Tom na Sinfonia de Brasília (de 1959, a convite de Juscelino), nós, seus amigos e devotos, sentimo-nos reparados da brutalidade do AI-5 de 1968, que destituiu o primeiro-secretário Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes da carreira diplomática.

Lula assinou — depois de cerimônia no qual rolaram lágrimas de muitos de nós — a lei que o transformou em Embaixador do Brasil. Nada mais justo, legítimo e restabelecedor. Sim, até porque nosso poeta sempre foi embaixador de fato. Onde ele chegava, em qualquer cidade do mundo, era saudado como representante da cultura, da poesia, da literatura e da música do Brasil. O projeto de lei — sugerido por Celso Amorim e agora sancionado pelo presidente Lula — mereceu rápida tramitação no Congresso Nacional. Pressionado que foi por abaixo-assinado de milhares de assinaturas promovido pelo Instituto Cravo Albin e amparado pela Fundação Alexandre de Gusmão, do Itamaraty, à frente o atento e operoso embaixador Jerônimo Moscardo.

Agora Vinícius, que já é rua em Ipanema — a mesma onde ele e Tom viram/cantaram a Garota de Ipanema —, deverá receber mais dois afagos da cidade onde nasceu e morreu em estado de amor: a praça que faceia o velho palácio do Barão do Rio Branco deverá portar seu nome antecedido pelo justíssimo título: Embaixador. O outro é o Corredor Cultural Vinícius de Moraes, ligando o Bar Villarino (onde ele conheceu Tom, apresentado pelo crítico Lúcio Rangel) ao Petit Trianon da Academia Brasileira de Letras. O que passa a depender da Prefeitura do Rio. Por isso a Fundação Alexandre Gusmão e o próprio chanceler Celso Amorim — bem como o Instituto Cravo Albin — já se movimentam em ações junto a Eduardo Paes.

Estamos desde já em mais uma campanha pública!

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 26 JUL/AGO/SET 2010
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Sua majestade do samba

14 ICCA relança a bossa do jazz

18 Vem quente que eu estou fervendo

Do bem comer e melhor beber

26 Derretendo o verão no céu da boca

Saga Carioca

32 Sassaricando pelos palcos do Rio

38 Me ensina a não andar com os pés no chão

Magia do Olhar

48 Só o divino traduz o Arpoador

Causos e Letras

60 Sonata para Strozenberg

70 Quem disse que o champanhe acabou?

Embaixador do Rio

76 O Rio não "bobeia"
Por Wanda Engel

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
José Neves de Oliveira
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel Deplá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Light. Uma das 5 maiores patrocinadoras da cultura e do esporte no estado do Rio de Janeiro.

Um dos compromissos da Light é promover a cultura, o esporte e o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Ela apoia e patrocina projetos como a Série Dell'Arte Concertos Internacionais, a Orquestra Sinfônica Brasileira e o Festival Vale do Café. E ainda mantém, desde 1994, o Centro Cultural Light. Um espaço aberto a estudantes e ao público em geral, com teatro, shows, exposições, bistrô e um museu com a história da energia elétrica.

Light

www.light.com.br

O RIO **É LIGHT**

Sua majestade do samba

por Deborah Dumar

Sucessora da linhagem nobre de Cartola ou de Clementina de Jesus e a poucos meses de completar 90 anos, Dona Ivone Lara é personagem obrigatória do panteão do samba. Primeiríssima-dama da música de raiz, alentado verbete do Dicionário Cravo, é uma fonte inesgotável de criatividade e alegria de viver. Autora de mais de 500 sambas, está sempre com novas melodias na manga para brindar os mais recentes e os mais antigos parceiros. Há quem diga que Dona Ivone já cantava samba antes de ele ser inventado. Exagero! Dona Ivone e o samba são uma coisa só.

Dona Ivone sempre encontra tempo para dar o ar de sua graça — e como é graciosa! — e levar a sua música a milhões de brasileiros em iniciativas do porte do *réveillon* de Copacabana, dos "viradões culturais" do Rio de Janeiro e de São Paulo, e de "Mulheres Brasileiras", que saiu em turnê pelo país ancorado por Vanessa da Mata.

Da mesma maneira como incentiva e canta ao lado de representantes da nova geração (como no DVD "Cidade do Samba", em que ela divide o palco com Nilze Carvalho), escalou um timaço de amigos e parceiros para celebrar os mais de 60 anos de carreira no DVD "Canto de Rainha", como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Arlindo Cruz, entre outros.

Essa carioca de Botafogo, de origem humilde e nascida em 13 de abril de 1921, que faz sucesso aqui e no exterior — lançou dois CDs internacionais e exibiu a sua arte para plateias lotadas na França, na Suíça, na Dinamarca, na Alemanha, em Portugal, Argentina, Estados Unidos, África etc.). Ela acaba de conquistar mais um troféu para a sua vasta coleção: foi a homenageada da versão 2010 do Prêmio de Música Brasileira e aplaudida de pé pelo público na concorrida noite do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em agosto. Vaidosa, caprichou no figurino e nos acessórios, como de hábito. Sem se esquecer de estar bem perfumada. Dona Ivone não economiza em perfumes franceses, revelam os mais íntimos.

novidade no ar

Ela realmente não sossega. Em junho, lançou

um novo CD, "Nas escritas da vida", ao lado do jovem cavaquinista e compadre Bruno de Castro, 51 anos mais jovem do que ela e que a acompanha desde 1997 pelo Brasil e pelo mundo. O disco, muito bem recebido pela crítica, traz composições que ambos fizeram nos últimos dez anos. No repertório, podemos destacar "Apito de ouro" (tributo ao Mestre Fuleiro e originalmente gravada pelo Cordão do Boitatá), "No coração de Madureira" (também de autoria de Maurício Verde, feita em homenagem ao Império) e "Investida fatal", em que o neto André Lara aparece como compositor.

Até o final do ano, Dona Ivone e seu mais constante parceiro, Delcio Carvalho, promovem o lançamento do CD "Bodas de coral", patrocinado pela Natura, em que celebram os quase 40 anos desse bem-sucedido encontro, que resultou em numerosos clássicos da música popular, a exemplo de "Sonho meu", "Acreditar", "Candeeiro da vovó", "Cigana" e "Nasci para sonhar e cantar". Porém, não se trata de uma coletânea de sucessos. O disco, que tem por base o show realizado em 2008 no Teatro Municipal de Niterói e, em estúdio, contou com a participação dos amigos e admiradores Alcione, Mart'nália, Dudu Nobre, Wilson das Neves e, claro, a Velha Guarda do Império Serrano, traz cinco inéditas.

O jovem cavaquinista e compadre de Dona Ivone, Bruno de Castro

Vale lembrar que muitas das verdadeiras pérolas criadas por essa incansável e modesta compositora ("Adoro fazer melodia, eu sonho com melodia, sou muito intuitiva") contribuíram para enriquecer o repertório de artistas de renome, como Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes, Elizeth Cardoso, Roberto Ribeiro, Zeca Pagodinho, Cauby Peixoto, Maria Bethânia, Gal Costa, Elza Soares, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, João Nogueira, Bezerra da Silva, Emílio Santiago, Fundo de Quintal, Dorina, Mauro Diniz, Jair Rodrigues, Paula Toller, Zélia Duncan, Dominguinhos do Estácio e Elymar Santos.

Uma curiosidade: a riqueza de sua melodia é tamanha, que a abertura criada inicialmente por Dona Ivone para "Sonho meu" foi transformada por Delcio Carvalho em outra obra-prima (confira no box), enquanto Bruno Castro e Luiz Carlos da Vila também se inspiraram na introdução da mesma música para fazer "Dizer não para o adeus", que foi gravada por Zeca.

sonhos, talento e determinação

A trajetória artística dessa rainha da MPB e que foi a primeira mulher a romper com o machismo dos sambistas ao sair vencedora de um samba-enredo, em 1965, pela Império Serrano ("Os cinco bailes da corte" ou "Os cinco bailes

tradicionais da história do Rio", dela, Silas de Oliveira e Bacalhau), é contada no livro "Nasci pra sonhar e cantar", da jornalista Mila Burns (Ed. Record, 2009).

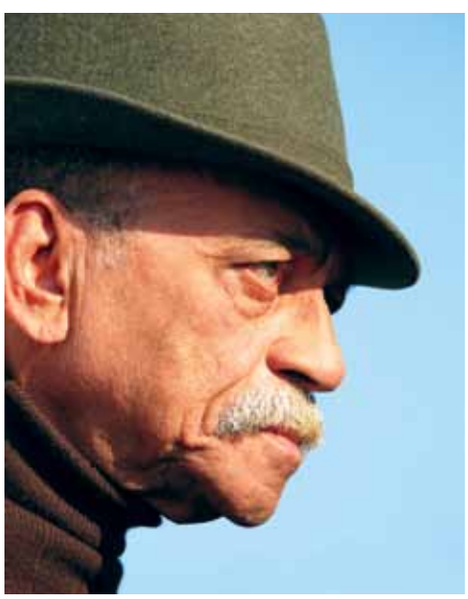
No entanto, nem sempre a vida foi esse mar de rosas para Yvonne Lara da Costa. Por um lado, ela teve o privilégio de ser criada no meio de músicos. A começar pela mãe, que era uma cantora do Rancho Flor do Abacate, outros parentes também mexiam com música. Dessa forma, foi com naturalidade que aprendeu a compor. Aos 12 anos, arriscou-se a escrever o estribilho do partido-alto "Tiê tiê". Certa ocasião, comentou sobre isso em entrevista na França: "Comecei a fazer os meus primeiros versinhos para um pássaro que eu ganhei de presente, um tiê. Fiquei muito contente, pois aquela representava para mim a boneca que eu não tinha. Naquela época, criei uma amizade tão grande pelo pássaro que todo verso que eu fazia, dedicava a ele. Mais tarde, esses versos foram musicados, por mim e meus primos."

Mas ela sofreu dois duros golpes, ainda criança. O pai morreu atropelado aos 27 anos, quando ela tinha apenas 3. A mãe, aos 33, de infarto, quando ela havia completado 10 anos. Ficou, então, sob os cuidados de uma tia que não dispunha de recursos para lhe oferecer uma boa instrução, mas conseguiu uma vaga em um colégio interno da prefeitura, o Orsina da Fonseca, onde estudou até os 17 anos.

Aluna aplicada e adolescente determinada a vencer na vida, apesar da paixão pela música, ao concluir o curso secundário foi aprovada em concurso para a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e trabalhou durante oito anos com doentes mentais — o que a levou a se especializar em terapia ocupacional e a fazer parte da equipe da doutora Nise da Silveira. Como se não fosse o bastante, Dona Ivone continuou a estudar e se formou em assistente social.

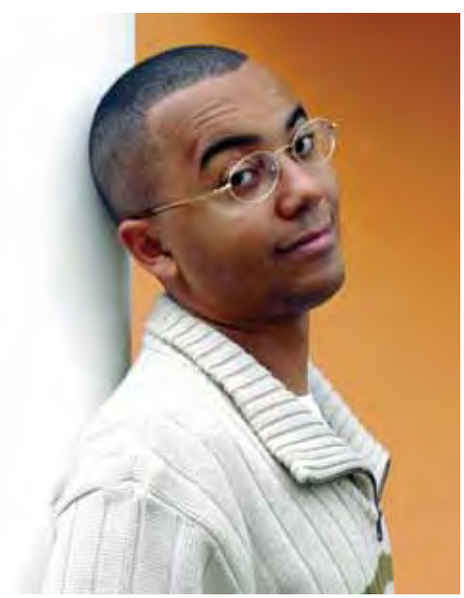
Sobre esse período, ela explicou à imprensa há algum tempo: "No decorrer dos anos nada mais aconteceu a não ser eu ter de estudar para ser alguém na vida. Foi quando eu achei que deveria fazer o meu alicerce para depois, então, tentar uma vida artística, porque eu sempre gostei de representar, de cantar e de compor."

Domenico Lancellotti



Wilson das Neves

O CD "Bodas de Coral", a ser lançado até o final do ano, conta com a participação dos amigos e admiradores Wilson das Neves, Dudu Nobre, Alcione, Mart'nália e, claro, a Velha Guarda do Império Serrano



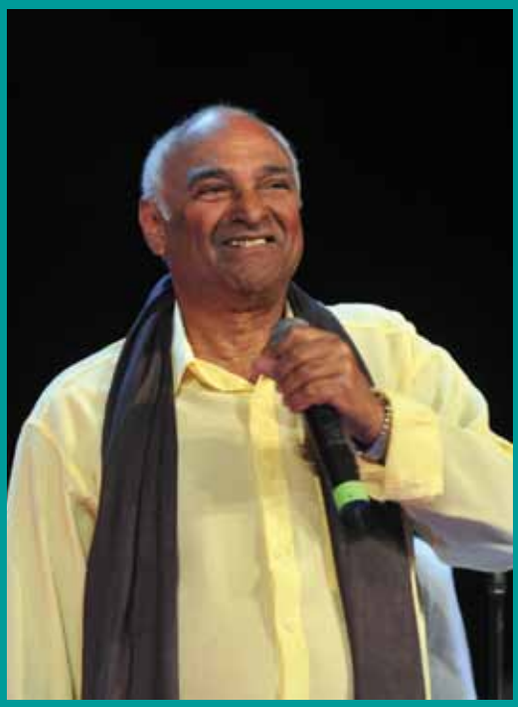
Dudu Nobre

Diamante Lapidado

No colégio, Dona Ivone teve a oportunidade de ter aulas de música com Lucila Guimarães, esposa de Villa-Lobos, que ficou admirada com seu dom, e chegou a cantar sob a regência do maestro, que a estimulou a prosseguir na música. Ao deixar o internato, foi morar com os tios, aprendeu a tocar cavaquinho com o tio Dionísio, que integrava um grupo de chorões (do qual faziam parte Pixinguinha e Donga), e a apreciar o samba, em companhia dos primos Fuleiro e Hélio. "Como minha tia não queria que eu entrasse para o mundo do samba, então eu fazia minhas composições e passava para o Mestre Fuleiro e ele apresentava as minhas músicas como se fossem dele", revela.

Moça bonita, educada e prendada — até hoje ela diz que gostava de preparar pratos para a família e os amigos e manter a casa sempre

Foi com a gravação feita por Maria Bethânia e Gal Costa de 'Sonho meu', no elepê "Álibi", que todo o Brasil entendeu o porquê de Dona Ivone Lara ter o título de primeira-dama do samba



Histórias de músicas com Ivone Lara

Por Delcio Carvalho

Tivemos nosso primeiro encontro na madrugada em que Silas de Oliveira teve um infarto na Associação Scholem Aleichem (ASA), na Rua São Clemente, em Botafogo. Era um show que fazíamos para ajudar a Escola de Samba Vila Rica, do Luiz Chimbirra, apresentada pelo Mauro Duarte às sextas-feiras. A associação existe até hoje, na época estava sendo construída.

Levamos o infartado Silas para o Hospital Rocha Maia, ali perto, onde, às duas da manhã, veio a falecer. O estagiário que nos informou do passamento do compositor perguntou se era realmente o Silas de Oliveira, da Império Serrano. Ao ouvir a nossa afirmação revelou que, em todo o seu tempo de estudante, suas provas de História do Brasil eram calcadas nos sambas do Mestre. Inclusive "Os cinco bailes da história do Rio", que foi a última música cantada pelo poeta. Naquela hora, esbocei uma primeira parte de um samba que retratava o acontecimento, "Derradeira melodia".

O mundo do samba estava todo desperto naquela madrugada, depois que o Adelzon Alves deu a notícia na Rádio Globo. Eu queria que um dos parceiros daquele samba-enredo o completasse. O Bacalhau estava hospitalizado (e veio a falecer algum tempo depois). Rumamos, então, eu e o fotógrafo Clovis Scarpino, para o Engenho da Rainha, onde morava a Ivone com seu Oscar e os filhos, Alfredinho e Odir. Lembro-me bem que, ao terminar a segunda parte do samba, ela logo me mostrou a melodia de "Alvorecer" e me ofereceu um cafezinho.

Terminei a letra e, quase amanhecendo, ao me despedir, seu Oscar me sugeriu que fosse visitá-los nos finais de semana, para que eu colocasse letras nas infindáveis melodias que ela tinha prontas. Então, começamos o que dizem ser trabalho, mas que, para nós, era uma brincadeira e que ela levava a sério.

Na época, eu era vendedor, por isso não levava em conta a profissão de compositor. Naqueles sábados e domingos, fizemos um número imenso de músicas. Não tinha músicas longas, nem curtas, as letras saíam rapidamente. Eu chegava sempre cedo para pegar o almoço, que era divino, e o cafezinho, que era o meu "barato". Com biscoitos doces ou salgados eu sempre fui muito bem tratado. No final do dia, ao anoitecer, eu, Odir, primas e primos íamos para as escolas de samba. Nunca seguíamos direto para o Império Serrano, ou nem íamos. Lembro-me que íamos muito pouco ao Império Serrano, pois era "sujeira", uma vez que a família toda estava lá. Passávamos primeiro na Imperatriz, onde desfilei e fiz parte da ala dos compositores, depois íamos para o Tupi de Braz de Pina, Aprendizes de Lucas. A noite, às vezes, terminava na Mangueira ou no Salgueiro.

arrumadinha —, acabou namorando Oscar Costa, com quem se casaria aos 25 anos. E, com ele, frequentava a agremiação Prazer da Serrinha, que era presidida pelo sogro. Naquela ocasião, conheceu os futuros parceiros Mano Décio da Viola, Aniceto e Silas de Oliveira.

Mais tarde, com todo o seu grupo, transferiu-se para a Império Serrano, em 1947, ingressando nas alas dos compositores (da qual se tornou madrinha) e das baianas, em que foi destaque na Cidade Alta. Com o marido, apreciava o samba que se fazia em outros lugares, além de Madureira. E participou, por anos a fio, das rodas de samba do Teatro Opinião.

Mas foi na sua escola de coração que Adelzon Alves e Sargentelli descobriram, de imediato, que estavam diante de uma artista em potencial. Não hesitaram em produzir o primeiro disco, "Sambão 70", que saiu no mesmo ano pela gravadora Copacabana. Ao longo da década de 70, a carreira de Dona Ivone se fortalecia, ganhava terreno. Mas foi em 1978 — ano de ouro na história da indústria fonográfica no Brasil — com a gravação por Maria Bethânia e Gal Costa, de 'Sonho meu", no elepê "Álibi", que todo o Brasil entendeu o porquê de Dona Ivone Lara ter o título de primeira dama do samba.

Divulgação

Dona Ivone com Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz

Depois, o Adelson, sempre ele, começou a se interessar pelo trabalho da Ivone, pois já me conhecia por tocar as minhas músicas ("Esperanças perdidas" e Canto de amor", gravadas pelos Originais do Samba, e "Vem raiando o dia", pelo Roberto Ribeiro). Foi aí que a brincadeira virou profissionalismo, pois eu era convocado para fazer música com pressa para ser gravada com urgência. A tranquilidade acabou. Fizemos até *jingle* para políticos. Mas, em compensação, aconteceu um fato insólito. Um daqueles moleques do bairro acabou guindado pela bandidagem e as drogas. Acabou sendo morto pela polícia ao escalar o muro, muro este que dava para a casa de Dona Ivone, o da mãe Ivone, como ele a chamava. Fizemos então "Sorriso de criança".

Uma doce lembrança foi a feitura do samba "Acreditar", que era uma introdução para a música "Nasci para sonhar e cantar", também nossa. Já "Sonho meu" foi tida como o hino dos deportados. No show em desagravo ao governo militar no Riocentro, explodiu uma bomba exatamente na hora em que a música estava sendo cantada por todos os artistas no palco.

Tenho muita saudade dos cafezinhos, dos biscoitos, dos almoços maravilhosos, que, acho eu, fez o tempero de todas as músicas criadas por lá. Saudade, também do Odir, irmão e amigo, que sempre nos deu muita força. Ele era o maior admirador e incentivador da dupla.

SOU LEGAL
NO TRÂNSITO

Segurança no banco de trás evita acidentes fatais.

Semana Nacional de Trânsito
18 a 25 de setembro

Conheça os bastidores desta campanha:
www.eusoulegalnotransito.com.br

A Junte A com B e veja como você pode

Leve sempre as crianças
no banco de trás. Use as
cadeirinhas indicadas
para cada idade.
Respeite a lei.
mudar certas histórias num clique.
B
Denatran
Ministério
das Cidades
Governo
Federal

Icca relança a bossa do jazz

POR KELLY NASCIMENTO

O Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) decidiu homenagear um dos mais famosos casamentos da música popular brasileira. Quem pensou em Dalva de Oliveira e Herivelto Martins errou. Falamos aqui de um encontro de americano com suingue e uma donzela brasileira. E a cada segundo sábado do mês, ainda neste final de ano e no casarão, nas franjas do Morro da Urca, o jazz volta a cortejar a bossa.

A mais recente investida musical do ICCA é, na verdade, uma recriação do antológico "Club de Jazz e Bossa". "Decidimos resgatar esse momento riquíssimo da história da MPB e, ao mesmo tempo, homenagear Tenório Júnior, esse grande pianista. O evento ocorrerá sempre aos segundos sábados do mês", diz Ricardo Cravo Albin. A série "Club de Jazz e Bossa" é produzida por Archimedes Monea e instituirá o Diploma Tenório Jr., uma homenagem ao pianista brasileiro desaparecido na Argentina na época da ditadura e um dos músicos mais importantes da bossa nova, apesar de só ter gravado um único disco, Embalo, em 1964.

O pré-lançamento, realizado em 12 de julho, já deu o tom do que esperar do evento. Morana, cantora de jazz, blues e bossa, fez uma apresentação passeando por esses estilos. Os músicos Leonardo Santos, percursionista, César Rebechi, violonista e parceiro de longa data, e Dr. Caixeta, tecladista e estreante no grupo, acompanharam a cantora. Na plateia, grandes nomes do cenário musical, como Eduardo Dussek, Pery Ribeiro, Leiloca, Edson e Tita Lobo, Fred Falcão, Flávio Guimarães e mestre André Lace. "O Club de Jazz e Bossa só tem condições de ser recriado por causa do Ricardo Cravo Albin", afirma Archimedes Monea.

O Club de Jazz e Bossa (CJB) é resultado da agitação musical do Rio de Janeiro nas décadas de 50 e 60 do século XX. Surgiu em 1965, por iniciativa de jovens críticos musicais, radialistas, músicos, jazzófilos amadores e jornalistas. Foram dez os seus fundadores: Jorge Guinle, Ricardo Cravo Albin, Ari Vasconcelos, Sérgio Porto, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Robert Celerier, Luis Orlando Carneiro, Paulo Santos e Silvio Túlio Cardoso.

A criação é resultado dos lendários saraus nas casas da Zona Sul, que reunia jovens admiradores do ritmo norte-americano. Essas reuniões eram embaladas a jazz, ouvia-se boa música e comentavam-se as críticas. Ao final, havia *jam sessions*.

A primeira reunião formal do CJB aconteceu em 20 de novembro de 1965, na boate

K-Samba, que funcionava no prédio do Clube de Regatas do Flamengo, na Avenida Rui Barbosa. A fundação do clube, em si, foi um grande evento na cidade: repercutiu em várias colunas sociais. Vitor Assis Brasil, que tocou naquela noite, é apontando como a principal cria do clube.

As reuniões do CJB — apresentadas ao vivo pelo diretor-executivo Ricardo Cravo Albin e presididas por Jorginho Guinle — logo se tornaram referência, firmando-se como espaço privilegiado cujas discussões influenciavam os rumos da música popular. Entre as atividades realizadas pelo clube, merece destaque a criação da Comenda da Ordem da Bossa, que distinguiu grandes nomes da música popular brasileira. Personalidades como Nelson Cava-

Reunião na casa de Jorge Guinle, em 1967, na Rua Tucumã, no Flamengo. Da esquerda para a direita: o vibracionista Geraldinho, o jornalista Alberto Eça, o cronista Sergio Bittencourt, o jornalista Walter Fleury, Nis Skov, Ricardo Cravo Albin, Jorge Guinle, os críticos Ilmar Carvalho e Ary Vasconcelos, Aurino Ferreira, o jornalista Luiz Orlando Carneiro e Everardo Magalhães Castro

quinho, Cartola, Pixinguinha, Zé Kéti, Jacob do Bandolim, João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes foram agraciados com o título.

O CJB funcionou em diversos espaços: além da K-Samba, o Golden Room do Copacabana Palace, o Teatro Casa Grande, no Leblon, e a boate Drink, em Copacabana, abrigaram as discussões jazzísticas.

O Clube durou até 1967, encerrando suas atividades devido a uma combinação de fatores que vão desde o excesso de tarefas de seus membros até a ascensão do tropicalismo. Em 2009, o ICCA lançou um catálogo temático sobre o CJB.

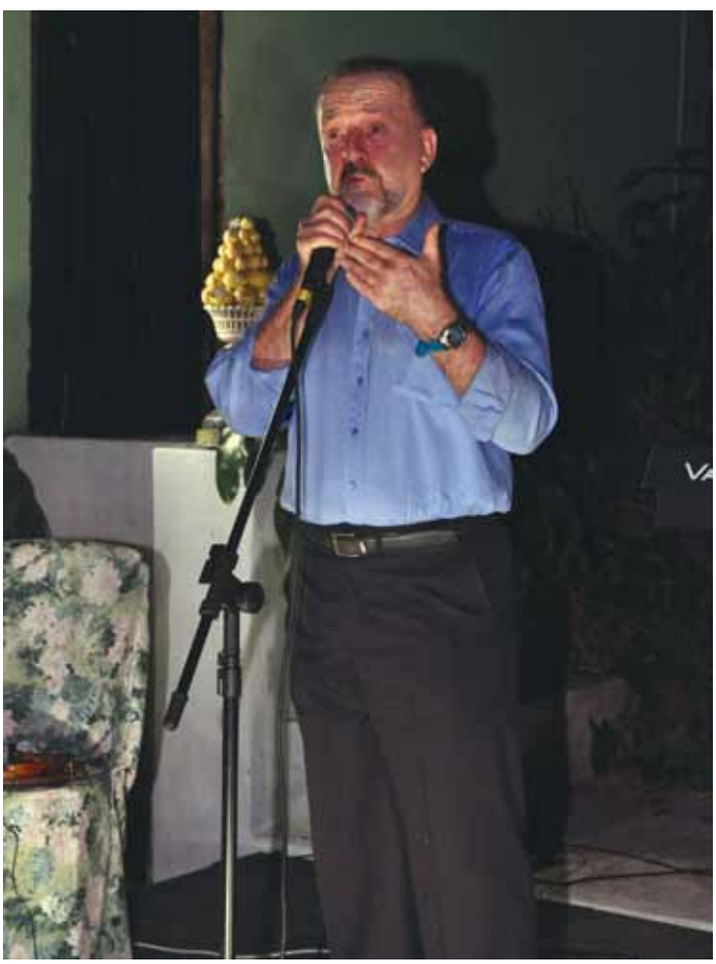
Tradição musical do ICCA

Os encontros musicais integram o DNA do Instituto Cultural Cravo Albin. Entre 2007 e 2008, por dez meses, o Instituto sediou noites inesquecíveis, regadas a boa música, leitura de contos e poesias e discussões literárias. Os encontros aconteciam na última quarta-feira do mês, sempre homenageando brasileiros para lá de notáveis. Os encontros aconteciam no famoso Largo da Mãe do Bispo.

O primeiro homenageado foi o compositor mineiro João Bosco, cujas canções foram tocadas por Zé Carlos Bigorna, um dos maiores saxofonistas do Brasil, que se apresentou com

Fotos: Roberto Teixeira/acervo ICCA

Eduardo Dussek e Leiloca



Ricardo Cravo Albin apresentando a prévia do Club de Jazz & Bossa

Os encontros musicais integram o DNA do Instituto Cultural Cravo Albin. A partir de 2007, com figurações, o Instituto sediou noites inesquecíveis, regadas a boa música, leitura de contos e poesias e discussões literárias

Morana, cantora de jazz

Peri Ribeiro, Victor Biglione e Morana

Ricardo Cravo Albin e Paulo Marcondes Ferraz. Atrás, o empresário Philippe Delleur, presidente da Alstom

o grupo Conexão Rio. Outros homenageados dessa série foram Guinga, Francis Hime, Ivan Lins, Paulinho Tapajós, Sueli Costa, Marcos Valle, Roberto Menescal e Carlos Lyra. Um time de peso.

Em 2009, o Instituto brindou a cidade com mais uma iniciativa musical: os Saraus do ICCA. Dedicada a ritmos genuinamente brasileiros, como o choro, a iniciativa agitou os sábados da Cidade Maravilhosa. Ao promover o evento nesse dia da semana, Ricardo Cravo Albin resgata uma tradição carioca perdida no tempo.

Quem inaugurou o sarau foi ninguém menos que o gênio do bandolim, Joel Nascimento. Na série "Chorando com Joel", ele recebeu grandes instrumentistas convidados (como Henrique Cazes e Josimar Carneiro) apenas para exercitar e fazer fruir o mais refinado gênero musical do país.

Tamanho o sucesso da empreitada, Ricardo Cravo Albin está retomando a série em 2010. "O ICCA tem o compromisso de abordar todas as vertentes da música popular brasileira. A série integrará o 'Sábado de Ouro do ICCA'. Teremos também outros dois encontros temáticos: o 'Piano ao cair da tarde' e o 'Música e poesia', com Geraldo Carneiro", adianta.

Vem quente que eu estou fervendo

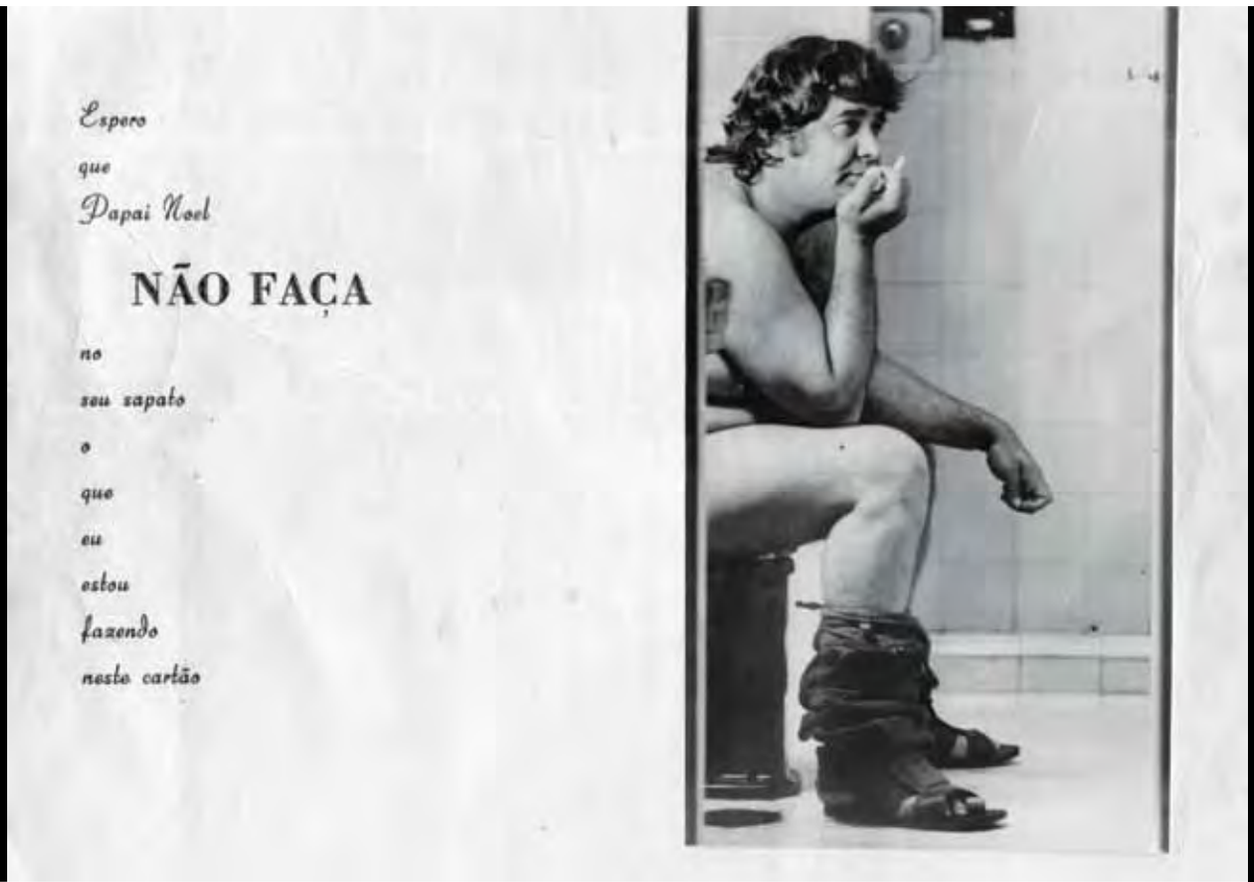
POR MÔNICA SINELLI

Figura para lá de controvertida no *show business* carioca, o capixaba Carlos Eduardo Corte Imperial deixou, em 1943, Cachoeiro do Itapemirim (ES) na adolescência para morar no Rio de Janeiro, onde iniciou uma agitada carreira multimídia de ator, compositor (também verbete do Dicionário Cravo Albin da MPB), apresentador e produtor. E, acima de tudo, de exímio farejador do gosto popular. Com vocês, Impera, o rei da pilantragem.

Enquanto atuava e compunha músicas para vários filmes da Atlântida e outras companhias, entre 1955 e 1965, Carlos Imperial criou em 1958, aos 22 anos, o Clube do Rock, o qual apresentava na TV Tupi. Um ano depois, o programa revelaria ninguém menos que Roberto Carlos, que lançou, pela Polydor, seu primeiro disco com os sambas "João e Maria" e "Fora do tom", de autoria do Gordo. Em 1960, o futuro rei da Jovem Guarda gravaria mais dois sambas da lavra de seu conterrâneo — "Canção do amor nenhum" e "Brotinho sem juízo".

No ano seguinte, Imperial passou a assinar a coluna O mundo é dos brotos na Revista do Rádio, teve a composição "Eu quero twist", parceria com Erasmo Carlos, gravada pelo conjunto Renato e seus Blue Caps e trabalhou no filme Mulheres cheguei, ao lado de Eduardo Araújo. O cantor, ídolo da Jovem Guarda, foi responsável, em 1964, por um dos maiores êxitos de Imperial como autor, ao gravar a canção "O bom". Na sequência, outros sucessos viriam: "O carango" (parceria com Nonato Buzar) e Vem quente que eu estou fervendo (com Eduardo Araújo), ambas na voz de Erasmo Carlos; "Mamãe passou açúcar em mim" (com Mingo), registrada por Os Incríveis e Wilson Simonal (também descoberto por ele) e A praça, entoada pelo príncipe Ronnie Von. Em 1968, mais um estrondo, dessa vez tendo o sambista Ataulfo Alves como parceiro e Clara Nunes, na interpretação — o clássico "Você passa e eu acho graça". Neste emblemático ano, enviaria a amigos, inimigos, personalidades e autoridades do governo militar um cartão de Natal com uma foto sua sentado em um vaso sanitário. A gracinha converteu-se em uma temporada no presídio da Ilha Grande (RJ).

Ao apagar das luzes do movimento da Jovem Guarda, Impera, como era conhecido, transitou pelo jornalismo com uma coluna — encabeçada



pela frase "Sem liberdade para espinafrar, nenhum elogio é válido" — marcada pela irreverência na revista Amiga, da Bloch Editores, desde seu primeiro número, em 1969. Nessa época, já agitava a cena artística a Turma da Pilantragem, da qual foi um dos mentores, definindo-a como "a apoteose da irresponsabilidade consciente". O grupo — formado por nomes como Nonato Buzar, Regininha, Dorinha Tapajós, José Roberto Bertrami, Fredera, Marcio Montarroyos, Ion Muniz e Raul de Souza — vestia com roupagens modernas e suingadas clássicos da música popular brasileira, como "Primavera" (Carlos Lyra e Vinicius de Moraes), grande sucesso da tribo, que lançou três LPs pela Philips e se dissolveu em 1970. Quase 40 anos mais tarde, em 2009, Ed Motta homenagearia o gênero musical em seu álbum Piquenique, na faixa intitulada A Turma da Pilantragem, em parceria com sua mulher, Edna Lopes, cantada em dueto com Maria Rita.

minha sorte então mudou

Outro dos idealizadores do grupo, Nonato Buzar, assume que não gostava do termo pilantragem e que acabou se desligando da turma justamente por conta dessa divergência. "Eu queria um nome diferente para dar àquela nova forma musical, porque não achava pilantragem uma coisa saudável. E passei a compor para novelas — rememora o autor da inesquecível "Vesti azul". Nonato era corretor de imóveis no tempo em que frequentava a casa dos pais de Imperial na Rua Miguel Lemos, em Copacabana, onde artistas se reuniam para cantar

e tocar. "Fiz umas três ou quatro músicas, mas só de brincadeira. Um dia o Imperial me disse: 'você vai ser um dos maiores compositores do Brasil'. Não acreditei naquilo. Depois, escrevi 'O carango', ele — um dos homens mais inteligentes que conheci — deu uma mexida e Simonal gravou a música, que explodiu". E sua sorte, então, mudou.

Marcos Moran e Simonal

Ainda no início dos anos 70, o Gordo tornou-se um polêmico jurado do programa de calouros do Chacrinha, além de comandar o Programa Carlos Imperial, na TV Tupi, e o Carlos Imperial Show, na TVS. Já na década de 80, um outro palco escolhido foi o da política, em que se elegeu o vereador mais votado do Rio pela legenda do PDT - em 1985, chegou a candidatar-se a prefeito da cidade, mas não levou. Paralelamente, dirigiu diversos filmes, como Mulheres, mulheres e Um edifício chamado 200, o qual também produziu para o teatro (em seu currículo de ator de cinema, consta, ainda, a participação em 43 títulos — grande parte pornochanchadas —, entre eles, A Viúva virgem, Cassy Jones, o magnífico sedutor, Independência ou Morte, Asfalto Selvagem e Sherlock de Araque). E, no carnaval de 1984, ano de inauguração do Sambódromo —, na condição de porta-voz das notas dos jurados nas apurações dos desfiles das escolas de samba cariocas, Imperial disparou a frase que se tornaria um verdadeiro bordão, exclamado a plenos pulmões a cada aferição máxima: "dez, nota dez".

"No sábado de carnaval de 1970, Imperial perguntou se eu sabia o samba-enredo da Portela, que desfilaria na manhã de domingo. Respondi que sim, e ele então disse que eu o cantaria na avenida no dia seguinte"

Marcos Moran

Ogro midiático

O achado grudou tanto no polêmico e debochado personagem que não foi outro o título escolhido por Denílson Monteiro — pesquisador de texto e imagem para o livro "Vale tudo — O som" e a fúria de Tim Maia, elaborado por Nelson Motta — para batizar a biografia Dez! Nota Dez—Eu sou Carlos Imperial. Fala o autor: "Eu admirava bastante o personagem, adorava sua irreverência. Quando morreu, senti que o Rio de Janeiro ficou um pouco triste. Quando Ruy Castro e Fernando Moraes lançaram suas ótimas biografias de Nelson Rodrigues e Assis Chateaubriand, imaginei que seria maravilhoso se houvesse um trabalho semelhante sobre Imperial. Porém, o tempo passava e ninguém se aventurava. Até que, num ato de coragem ou loucura, incentivado por um grande amigo, o jornalista João Pedro Lima, na época trabalhando no arquivo do saudoso Jornal do Brasil, resolvi iniciar o trabalho."

Fruto de seis anos de pesquisa, o relato teve um epílogo de suspense até ser lançado, em 2008, pela Matrix. Houve uma negativa sistemática de editoras em querer publicá-lo, em razão do clima de desconfiança ainda suscitado pelo famoso mulherengo "abatedor de lebres", expressão por si só capaz de torcer narizes sensíveis. "Acredito que a recusa tenha sido em parte pelo personagem. O pessoal que trabalha nas editoras é muito mal-informado, não lê um caderno de cultura, não conhece os ídolos do passado. É uma situação muito séria. Eu oferecia meus originais, dava como credencial os elogios que recebi pela pesquisa na biografia do Tim Maia e percebia que algumas dessas pessoas nem sequer conheciam um livro que na época vendeu 125 mil exemplares. Não contar com algum conhecido de peso nessas

Sentado no colo de Clóvis Bornay

No filme "Independência ou morte", de 1972

editoras também foi um grande obstáculo. Um pistolão sempre ajuda", reconhece Monteiro, que cunhou a expressão "ogro midiático" para definir o promoter-vilão — falecido em 1992 - objeto de sua investigação.

cabeça colorida

Um dos que deram depoimento para o livro foi o compositor João Roberto Kelly, que também batia ponto na casa da Miguel Lemos. "Ele gostava de reunir artistas, como Johnny Alf e Os Cariocas. Simonal foi feito lá. Aliás, se Imperial fosse escultor e recebesse a encomenda para talhar um cantor, essa estátua teria a alma de Wilson Simonal. Aquela ginga toda e o jeito moleque vinham dele. Para mim, Imperial eram dois: um, na aparência — as roupas largas, e gostando de ser vaiado -, e outro, no interior, o cara interessado em cultura, preocupado em somar. Nunca o vi pelo lado do pilantra, da coisa duvidosa. Ele tinha uma cabeça colorida", afirma.

Outro integrante da turma de Copa, o cantor Marcos Moran relembra o momento em que seu telefone tocou, às 20h do sábado de carnaval de 1970. Do outro lado da linha, Carlos Imperial. "Ele me armou uma presepada, perguntando se eu sabia o samba-enredo Lendas e mistérios da Amazônia, da Portela, que desfilaria às 7h da manhã de domingo. Respondi que sim, e ele então disse que eu o cantaria na avenida no dia seguinte. Mas não tinha roupa. Imperial ligou para o Clóvis Bornay e logo depois fui para sua casa. Como o tema era

"Eu admirava bastante o personagem, adorava sua irreverência. Quando morreu, senti que o Rio de Janeiro ficou um pouco triste. Quando Ruy Castro e Fernando Moraes lançaram suas ótimas biografias de Nelson Rodrigues e Assis Chateaubriand, imaginei que seria maravilhoso se houvesse um trabalho semelhante sobre Imperial"

Denílson Monteiro

indígena, Bornay criou uma fantasia a partir de uma calça linda de strass, colares e cocar — e eu de peito nu. Natal, o diretor portelense, gostava muito de mim e topou que eu defendesse o samba. Cheio de carisma, ele ganhava o carnaval que queria. Foi o último ano em que a escola sagrou-se campeã sozinha", destaca Moran.

Denílson Monteiro sublinha o lado paternal de seu biografado. "Erasmo Carlos contou que, na época em que foi seu secretário, o Gordo costumava dar-lhe muitos conselhos. O principal era: `Diante de um problema que não esteja conseguindo resolver, você pare e pense: o que faria Carlos Imperial numa situação como esta? Tenho certeza de que você vai encontrar a solução." E recorda como surgiu o bordão com o qual até hoje é identificado, neste trecho de seu livro:

Dez! Nota dez!

"... Na Quarta-feira de Cinzas, por volta das 17h, Imperial, guiado pelo leal Russão, dirigiu-se ao Maracanãzinho, onde seria realizada a apuração do Carnaval de 1984. As notas seriam lidas por ele, que pontualmente às 18 horas deu início ao trabalho. O ginásio Gilberto Cardoso ficava bem próximo do morro da Mangueira. Por isso, os torcedores da Estação Primeira se encontravam em número muito maior que as demais. A escola já iniciou o primeiro quesito com nota máxima, o que fez com que Imperial optasse por improvisar uma mudança na forma como estava conduzindo a apuração. Decidido a mexer com a platéia, anunciou com sua garganta privilegiada:

- Estação Primeira de Mangueira: dez! Nota dez!

Os mangueirenses entraram em êxtase. Percebendo que a maneira diferente de anunciar o resultado havia agradado, Imperial repetiu a fórmula com as notas máximas das demais agremiações. Simultaneamente, por toda a cidade o que se ouvia naquele cair de tarde era um novo bordão que se alastrava como um vírus. Em todos os lugares as pessoas procuravam imitar a voz radiofônica de Carlos Imperial:

- Dez! Nota dez!

A apuração terminou com a Portela de Imperial e seu enredo "Conto de Areia" campeã do desfile de domingo e Mangueira como a campeã de segunda. O Gordo deixou o Maracanãzinho como coadjuvante que por alguns minutos roubou a cena, algo que sempre o agradava bastante. Na rua, as pessoas o reconheciam e gritavam:

- Lá vai o "Dez! Nota Dez". ..."

(Trecho da biografia "Dez! Nota Dez - Eu sou Carlos Imperial", escrita por Denilson Monteiro)

Imperial por Imperial

"Aos 18 anos de idade eu era extra de um filme brasileiro, dirigido por Watson Macedo, intitulado O Petróleo É Nosso. Levei tapa na cara, caí de roupa numa piscina e no fim do dia o Macedo gritou para seu assistente Roberto Farias: manda voltar amanhã aquele cara que topa tudo. Ele é bom!`. O cara que topava tudo era eu. Talvez a minha vontade de vencer no cinema me transformara numa espécie de "deixa comigo" para aparecer melhor e me fazer notar pelos diretores. Eu entendi rápido que somente o cara sendo muito profissional é que iria conseguir se firmar. E aí eu criei uma imagem longe da minha verdade. Eu dizia que não importavam os meios e sim a finalidade. Minhas loucuras e brincadeiras foram curtidas por todos.

Eu fui dono de conjunto musical, cantor e pianista de boate, compositor, produtor de discos, descobridor de talentos, jornalista, radialista, produtor e diretor de TV, produtor e diretor de teatro e agora estou totalmente dedicado ao cinema. É claro que para ficar famoso no mundo inteiro eu tive que fazer coisas que até Deus duvida. Criei a imagem do pilantra, muito longe de uma verdade interior que esperava um momento para mostrá-la. (...) Eu brinquei com o estabelecido e as tradições. Mas sempre alimentava o sonho de um dia fazer o cinema que queria. (...) Penso que o crítico deve até me orientar para meus futuros trabalhos. Analisar minha colocação de câmera, meu corte, meu enquadramento, meu trabalho com *traveling*, panorâmica e *zoom*, minha cadência de perto e longe, minha noção de *timing* para cada cena e sequência, minhas ações paralelas, minha direção de atores, meu roteiro, meus diálogos, minha produção, enfim tudo que representa algo numa realização cinematográfica. Eu iria ler com atenção e poderia até concordar. Mas que a crítica seja realmente uma crítica direta ao meu trabalho, a minha concepção e a minha noção cinematográfica. Talvez até eu seja um cineasta. Quem sabe?!"

(Carta de Carlos Imperial a críticos cariocas, à época do lançamento do filme "O Sexo das bonecas", sob sua direção).

Derretendo o verão no céu da boca

por Julia Santhiago

A delícia gelada que ganhava o mundo no século XIX chegou ao Brasil em meados de 1834. Os cariocas foram os primeiros brasileiros a experimentar a sobremesa, que se encaixou perfeitamente no estilo de vida da cidade. Como naquela época não havia como conservar o sorvete depois de pronto, as sorveterias anunciavam a hora certa de tomá-lo, causando alvoroço na cidade. Até as mulheres, que então eram proibidas de entrar em bares, cafés e confeitarias, quebravam o protocolo e faziam fila para experimentar a novidade.

Durante décadas o sorvete foi feito no Brasil de forma artesanal. Começou a ser produzido industrialmente apenas em 1941, quando a ameaça de guerra entre China e Japão afugentou a U.S. Harkson de Xangai para o Rio de Janeiro. A empresa era subsidiária de uma companhia norte-americana e começou produzindo ovos desidratados. Para compensar os períodos em que a fábrica ficava ociosa, principalmente no verão, a Harkson adotou a receita chinesa de sorvetes. A ideia inovadora garantiu à empresa o recorde de vendas — três mil picolés — apenas num fim de semana. Em 1942 começaram a circular na cidade as primeiras carrocinhas com o nome Sorvex Kibon. O primeiro lançamento da marca foi o Eskibon, seguido pelo Chicabon. As altas temperaturas do verão carioca

Entre as mais famosas sorveterias preferidas dos cariocas está a "Sorveteria das Crianças", conhecida como "Sorveteria do Morais". Localizada em Ipanema, na Rua Visconde de Pirajá a uma quadra da Praça Nossa Senhora da Paz

consagraram de vez o sorvete, tanto para consumo na praia quanto como sobremesa para toda a família.

sabores que marcaram épocas

As sorveterias se tornaram tradição e se espalharam por todo o território. Entre as mais famosas e preferidas dos cariocas está a Sorveteria das Crianças, conhecida como "Sorveteria do Morais". Localizada em Ipanema, na Rua Visconde de Pirajá a uma quadra da Praça Nossa Senhora da Paz. Inicialmente, era um armazém onde havia uma sorveteira bem pequena nos fundos e que servia sorvete de creme, chocolate e flocos. O negócio se desenvolveu quando entraram no cardápio os sorvetes de tangerina, jabuticaba, cajá e fruta-do-conde. A famosa casquinha de aipim e a pazinha de madeira deixam até hoje saudades em seus admiradores. Entre eles a colunista Scarlet Moon, que elegeu o "Morais" como o sorvete que mais marcou sua vida. Para

o também colunista e jornalista Artur Xexéo uma das sorveterias que mais deixaram lembranças foi a "Zero", que ficava em Copacabana com uma enorme casquinha na calçada. "Tenho lembranças de duas sorveterias cariocas: a Zero, que ficava na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, entre o Art Palácio e o Cine Copacabana. Foi quando estreou aqui no Rio o sorvete com cobertura de calda quente de chocolate. Era uma delícia. A sorveteria Lopes, que também ficava na Avenida Copacabana, perto do Cine Caruso, e foi a primeira vez que vi uma variedade tão grande de sorvetes de frutas: tinha de fruta-do-conde, de pitanga, de jambo", lembra.

Anos se passaram e o sorvete caiu de vez no gosto popular. Segundo a Associação Brasileira de Indústrias de Sorvete (ABIS), entre 2002 e 2009, o consumo total de sorvetes no Brasil cresceu 39,5%, passando de 713 milhões de litros para 995 consumidos por ano. Desde então, outras sorveterias proliferaram pela cidade. Entre as décadas de 70 e 90 o sorvete "Sem Nome" foi sucesso nas areias cariocas. O sorvete era tão consumido que sua fábrica empregava mais de dois mil funcionários e produzia cinco mil litros por dia. Recentemente, por iniciativa de um dos netos do antigo dono da marca, a receita original do sorvete voltou a ser vendida em Niterói para a alegria dos antigos fãs do sabor do sorvete "Sem Nome".

Outra sorveteria que marcou as décadas de

Roberto Carlos, Lady Laura, a família Marinho, os *chefs* José Hugo Celidônio e Demar são admiradores do sorvete artesanal hoje chamado de Sorvete Brasil

80 e 90 foi o da lanchonete Sanduka, no Humaitá. Roberto Carlos, Lady Laura, a família Marinho, os *chefs* José Hugo Celidônio e Demar são admiradores do sorvete artesanal hoje chamado de Sorvete Brasil. Ana Fernandes, sócia da marca, conta que tudo começou na tradicional lanchonete Sanduka, ponto de venda da marca até hoje. "Tudo aconteceu de maneira muito simples com a produção da receita do Seu Aragão, que aprendeu a fazer sorvete com um *chef* francês. Em pouco tempo "o sorvete do Sanduka", como era conhecido na época, ganhou novos sabores e conquistou a Zona Sul carioca, chegando às mesas mais requintadas da cidade, pelas mãos do *chef* Isidro Rodrigues, famoso por organizar imensos banquetes nas casas de socialites, na década de 80". Em 2002 foi inaugurada a primeira loja própria, localizada na Estação do Bondinho do Pão de Açúcar, com o nome de Sorvete Brasil. Hoje a marca já possui cinco pontos de venda e mais de 60 sabores.

Mas um dos sorvete favoritos dos cariocas é o Itália, que completa 35 anos em 2010. A marca que ganhou fama pelos seus copinhos coloridos, vendidos por ambulantes nas praias, conta, hoje, com 20 lojas espalhadas pela cidade e uma unidade no balneário de Búzios. Para comemorar a data, dois novos sabores chegarão às lojas: abacaxi com coco e melão. A diversidade de sabores também é a aposta da sorveteria Mil Frutas, eleita pelo jornalista Joaquim Ferreira dos Santos como sua predileta. "A minha sorveteria preferida é a Mil Frutas na J.J. Seabra, no Jardim Botânico, aonde vou com as minhas filhas há pelo menos 20 anos. São as mesmas funcionárias de há muitos anos e o sorvete é o melhor do Rio. Gosto do maracujá com chocolate branco." O jornalista conta que tomar uma casquinha de sorvete, no Mil Frutas da Garcia D'Avila, e sair andando, chutando pedrinhas por Ipanema é o programa que mais gosta. "Chamo de "iceterapia" e acaba com qualquer estresse", relata.

A nova geração dos sorvetes, os chamados *frozen yogurt*, se tornaram a nova febre na cidade. Espécie de sorvete cremoso à base de iogurte, não leva gordura nem conservantes em sua fórmula e tem baixo teor de açúcar, a sobremesa que já era popular nos Estados Unidos, entrou recentemente para o gosto dos cariocas. O *frozen yogurt* ganha sabor junto às coberturas, chamadas de *toppings*. A Yogoberry, a maior rede do segmento, oferece mais de 30 ingredientes como cobertura: destaque para as frutas frescas, caldas de tangerina e lichia, trazidas do Japão, além de granola, castanhas, nozes e mel. Além do iogurte congelado no copinho, tem também há o yogosmoothie, o iogurte batido com polpa de frutas e monin — aromatizante de origem francesa.

Diante de tantos sabores e cores, quem resiste a um sorvete, nos dias quase sempre ensolarados do Rio de Janeiro?

Nós somos descobridores. Somos uma mineradora e somos globais.
Estamos presentes nos carros, nos computadores, em quase tudo o que você usa.
E estamos também nas florestas, ajudando a preservar 10 mil km² de áreas verdes
ao redor do mundo. No reaproveitamento de 76% da água que utilizamos.
Nos fertilizantes para a produção de alimentos. No respeito às pessoas e a sua diversidade.
Não temos todas as respostas, mas como descobridores também não temos medo
das perguntas. São elas que nos movem. Hoje e amanhã.

**Não existe futuro sem mineração.
E não existe mineração
sem pensar no futuro.**

Descobridores

www.vale.com/descobridores

VALE

Sassaricando pelos palcos do Rio

por Daniel Schenker

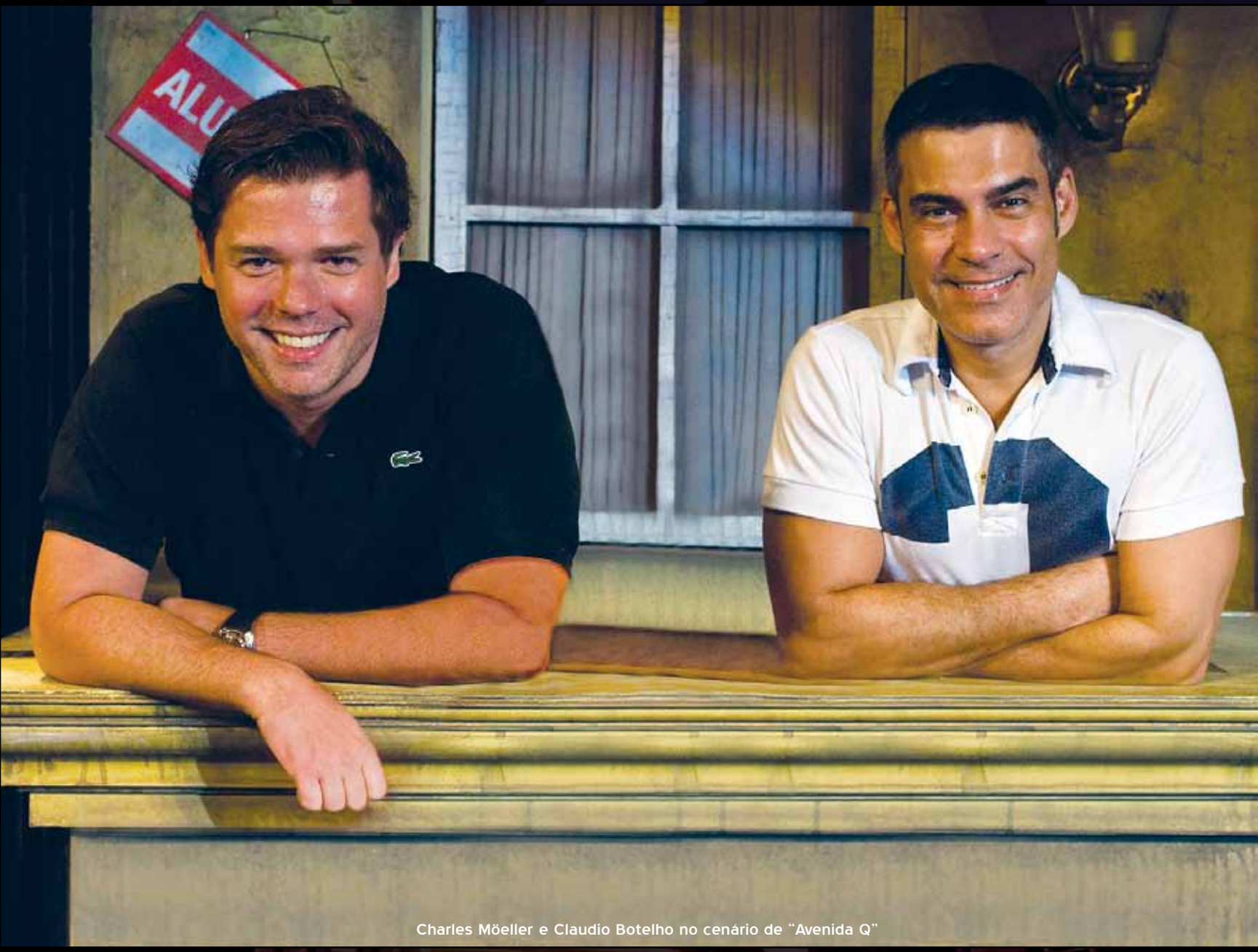
Não era de se prever que Charles Möeller e Claudio Botelho formariam uma das mais bem-sucedidas duplas do teatro brasileiro. O primeiro vinha desenvolvendo trajetória de ator: ingressou no rigoroso Centro de Pesquisa Teatral (CPT), de Antunes Filho. O segundo mergulhou logo no mundo do musical firmando elo promissor com a atriz Claudia Netto em espetáculos como De Rosto Colado e Na Bagunça do teu Coração. Os dois traduziram a Broadway para o 'carioquês' sem deixar de lado a marchinha e o samba. All that jazz, Rio!

Em 1997, Charles e Claudio, que já vinham trabalhando juntos desde Hello Gershwin, de 1990, oficializaram o vínculo e lançaram o que se tornou conhecido como o primeiro espetáculo de ambos: "As Malvadas", texto de Charles Möeller que rendeu encenação deliciosamente irreverente. Alguns anos e cerca de 25 montagens depois, eles continuam juntos em suas novas empreitadas — "É com esse que eu vou", musical que reúne mais de 80 sambas notáveis compostos entre os anos 30 e 70, e "Hair", próximo projeto, com estreia prevista para o final de outubro ou o início de novembro.

A longevidade não decorre de uma identificação total ou de uma concordância plena entre eles. Charles tem intimidade com o universo das marchinhas e dos sambas. "Sou de uma família de oito irmãos. Um ouvia Rolling Stones, o outro, samba, e por aí vai. Meu pai adorava marchinhas. Às vezes me perguntam como posso conhecer uma música se tenho 43 anos. Mas na seleção de 'Sassaricando' conhecia quase todas", garante. Claudio, por sua vez, assume a falta de conexão direta com o universo da marchinha e do samba. "Minha ligação natural é praticamente nula. Conheço o óbvio ululante. Mas gosto de procurar historinhas e personagens nas canções, em que talvez não se suspeitasse. O vínculo, portanto, é com o próprio teatro", confirma Claudio.

Depois de realizarem vários espetáculos concebidos a partir de uma organização que trazia Charles na direção e Claudio à frente da parte musical, eles decidiram testar uma inversão. "Em 'Sassaricando' experimentamos um formato novo.

Marian Starosta



Charles Möeller e Claudio Botelho no cenário de "Avenida Q"

Fotos: Robert Schwenck

"7 – O Musical", com Ida Gomes, Alessandra Maestrini, Zezé Motta, Eliana Pittman e Rogéria

Eu cuidei de quesitos como cenografia e figurino e ele, da marcação do elenco. Deu certo", observa Charles, que, juntamente com Claudio, se voltou, ao longo do tempo, para compositores como Cole Porter (em "Cole Porter – Ele nunca disse que me amava"), Stephen Sondheim ("Company" e "Lado a Lado com Sondheim") e Chico Buarque (no citado "Na Bagunça do teu Coração", em "A Ópera do Malandro" e na burleta "Suburbano Coração"), e bandas como Os Beatles ("Beatles num céu de diamantes").

Se hoje o espectador carioca se depara com diversas opções de musicais, vale lembrar que em décadas passadas não foi fácil para Charles Möeller e Claudio Botelho. "Antes achava mais arriscado fazer espetáculos no Rio de Janeiro. Atualmente, a situação mudou. "Gypsy" teve cadeira extra desde o início da temporada. E era um musical americano, longo, difícil", comenta Charles Möeller, referindo-se à encenação centrada na trajetória conturbada da stripper Gypsy Rose Lee e de sua obsessiva mãe Mamma Rose. Talvez o aumento da diversidade tenha contribuído para a crescente aceitação do musical, gênero com tradição na história do teatro brasileiro. "O Rio escolheu seus ídolos. Há quem goste de hip-hop, do AfroReggae, do funk da periferia, da marchinha de carnaval. Diziam que a marchinha tinha acabado, mas com "Sassaricando" voltou a ser uma febre. O samba é um passo além. Abre outras vertentes, como o samba-rock. A democracia da cidade reside aí", opina Charles, que promoveu parcerias importantes, como com Ed Motta no festejado "7 – O musical", texto de sua própria autoria.

Na cena carioca há desde musicais de bolso até os de grande porte. Mas não há dúvida de que a

onda de revisionismo impera, proporcionando aos espectadores uma hora da saudade ao remetê-los aos repertórios de artistas da música popular brasileira de décadas atrás. "Ao contrário dos Estados Unidos, onde podemos ouvir canções dos anos 20, 30 e 40 quando entramos numa casa de jazz, o Brasil protege pouco o seu patrimônio cultural. Não temos um grande selo de música brasileira antiga. O teatro surge como alternativa importante para fazer com que as pessoas relembrem ou entrem em contato com um repertório abrangente. Há letras que permanecem moderníssimas, como as de Noel Rosa e Braguinha", cita Claudio Botelho, que assume postura crítica em relação à contemporaneidade. "A música se popularizou de tal maneira no mundo que perdeu harmonia em favor da obsessão pelo ritmo", constata. Em espetáculos como "É com esse que eu vou", "Sassaricando" e talvez "Tudo é Jazz!" (tributo à dupla Fred Ebb/John Kander), Charles e Claudio trazem à tona o espírito da *revue*, que não está diretamente ligada ao teatro de revista brasileiro. "Falo de um gênero musical em que não há enredo linear com começo, meio e fim. Não temos aqui exatamente essa tradição", diz Claudio.

Passada a estreia de "É com esse que eu vou", espetáculo no qual retomam a bem-sucedida parceria com os pesquisadores Sérgio Cabral e Rosa Maria Araújo, depois de "Sassaricando", Charles Möeller e Claudio Botelho voltaram suas atenções para a montagem do emblemático "Hair", encenado, pela primeira vez, em circuito Off-Broadway, em 1967. "Naquele momento estavam em pauta a nudez, a relação direta com a plateia, o contato

Divulgação

"É com esse que eu vou"

Leonardo Aversa

"Cristal Bacharach"

Charles Möeller

físico. O primeiro texto de "Hair" era psicodélico, evocava a Guerra do Vietnã. Perceberam que havia ali uma força de movimento e levaram para a Broadway. Retrabalharam a peça, compuseram mais 13 músicas e estrearam em 1968. Foi um sucesso. Houve uma desconstrução coreográfica até então desconhecida, algo entre o dançar e o não dançar. O movimento hippie abraçou 'Hair'", evoca Charles Möeller, acerca do texto, também montado no Brasil, no final da década de 60, por Adhemar Guerra. Talvez seja possível, inclusive, traçar um paralelo entre "Hair" e outro espetáculo brasileiro fundamental — o libertário "Hoje é dia de rock", de José Vicente, na encenação do Teatro Ipanema, no início da década de 70, que se tornou uma comunhão entre atores e plateia.

Mas Charles e Claudio tomarão cuidado para não se deixarem nortear pela nostalgia. "Em 1968 dizer 'o meu corpo não pertence à sociedade, mas a mim' era um escândalo. Agora soa datado. Adoro as músicas e o filme do Milos Forman, mas a peça não me pega. Até que retrabalharam o texto para um evento no Central Park, que reuniu dois milhões de espectadores. Foi um acontecimento. Levaram novamente para a Broadway, em 2009, e nós fomos à estreia. Choramos do início ao fim. Entendi sobre fraternidade, amor, não violência, compaixão. Não é uma peça sobre *bad trip*, sobre a Guerra do Vietnã, e sim sobre os nossos conflitos, as nossas guerras. Dostoievski diz que amor é o espaço que existe entre duas pessoas. Meu sobrinho fala comigo no facebook, no twitter, mas pouco quando nos encontramos pessoalmente. O computador é uma armadura medieval. Pode dar às pessoas todas as personalidades que não têm na vida. Entretanto, o olhar, o abraço e o respeito são fundamentais numa época em

"Hair é uma produção de fora em que trabalho como contratado. As letras são tão diretas que não há tanto a inventar"

Claudio Botelho

que a única utopia que restou é a de salvar o planeta", observa Charles.

Como acontece normalmente, Charles e Claudio conseguiram os direitos, mantendo liberdade para mexer no texto. Estão cortando referências muito específicas, totalmente desvinculadas do contexto brasileiro. Não é fácil se debruçar sobre obra tão conhecida. "'Hair' parece de propriedade coletiva. Todo mundo se acha dono. É mais fácil lidar com espetáculos não tão populares. E olha que sobrevivi a 'A noviça rebelde' e 'O fantasma da ópera'", destaca Claudio. Como aconteceu em "Gypsy", através de "Hair" ambos propiciam um passeio no tempo. "Os hippies são frutos dos beatniks. Foram às ruas e fizeram a contracultura. Tornaram-se andróginos. Houve acontecimentos muito graves como o assassinato de Sharon Tate por um líder hippie. Os anos 80 foram a negação cafona de tudo. Os 90 elegeram o ideal yuppie. Os 2000 começaram a quebrar com o niilismo. Nunca tivemos tão perto de falar sobre tudo isso. Não temos hippies, mas o Greenpeace. E um presidente como Barack Obama. As drogas mudaram. Em 1968 visavam à expansão de ideias, limites, encontros. Hoje temos drogas sintéticas que deixam as pessoas acordadas durante quatro dias em raves. E as drogas não são usadas mais para abrir o universo, e sim para apagá-lo. Ninguém está procurando Deus ou Krishna", compara Charles.

Além de "Hair", Claudio Botelho está envolvido com as letras de "Mamma Mia". "É uma produção de fora em que trabalho como contratado. As letras são tão diretas que não há tanto a inventar", diz. Com Charles, partirá para outros projetos — entre eles, um musical em homenagem a Roberto Carlos, uma versão de "O violinista no telhado" e outra de "Annie".

Me ensina a não andar com os pés no chão

por Deborah Dumar

O Rio vai virar a capital das sapatilhas de balé. O projeto Dançando Para Não Dançar, que proporciona às crianças de comunidades carentes da cidade o aprendizado do balé clássico, está comemorando 15 anos de atividades. São dezenas de meninos e meninas aprendendo a levitar, com movimentos mágicos que invariavelmente terminam em sorrisos. Quem já assistiu diz que está por descobrir coisa mais bela e íntegra.

Depois do aprendizado com a mestra Tatiana Leskowa, do aprimoramento no Balé de Camaguey, no Balé Nacional de Cuba e da especialização na Staatiliche Ballet Schuller Berlin, na antiga Alemanha Oriental, a bailarina carioca Thereza Aguilar retornou ao Brasil, na década de 90 pronta para enfrentar um desafio.

Jovem determinada, decidiu concretizar o sonho de dar uma oportunidade aos jovens menos favorecidos do Rio de Janeiro, a partir de sua experiência com os povos e os artistas de formação socialista. Tomou para si a árdua tarefa de repetir em sua cidade o que aprendera em Cuba, onde inicialmente o balé era formado por crianças pobres e órfãs.

Arregaçou as mangas e partiu em busca de patrocínio, batendo de porta em porta e ouvindo muitos "nãos". Em momento algum, no entanto, desanimou. Com a ajuda da associação de moradores dos morros do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, espalhou cartazes convocando as crianças para embarcar nesse sonho.

Não demorou para surgirem quase 300 dispostas a fazerem os testes para disputar as 40 vagas propostas. Naquele segundo semestre de 1995, reuniu em sua primeira turma 45 crianças, órfãs e de famílias de baixa renda, entre os 5 e 10 anos de idade. Tamanho interesse a motivou ainda mais a prosseguir. Pouco depois, ela obtinha a cessão de uma sala do Ciep João Goulart, em Ipanema, para iniciar as aulas.

adesão ao ideal

Seu empenho em levar adiante o projeto de

Thereza Aguilar com as crianças do Dançando Para Não Dançar

abrir uma janela para o futuro de outras crianças atraiu várias pessoas, que também compraram a briga. Incansavelmente, saíram em busca de parceiros para a empreitada. Vieram os primeiros apoios institucionais — Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), Loteria do Estado do Rio de Janeiro, da Vídeo Filmes — e (maravilha!) dos primeiros bailarinos do Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, dispostos a cooperar como voluntários.

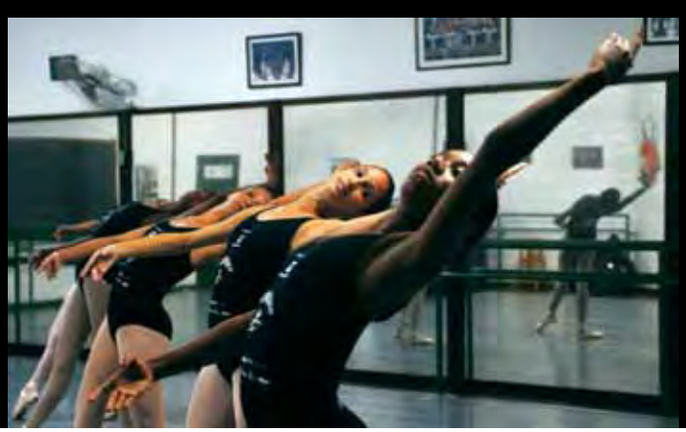
Só nos primeiros meses, o projeto conseguiu aprovar seis crianças para a Escola de Dança Maria Olenewa, do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, antes frequentada exclusivamente por aquelas vindas de famílias com maior poder aquisitivo. E, posteriormente, esse número foi aumentando.

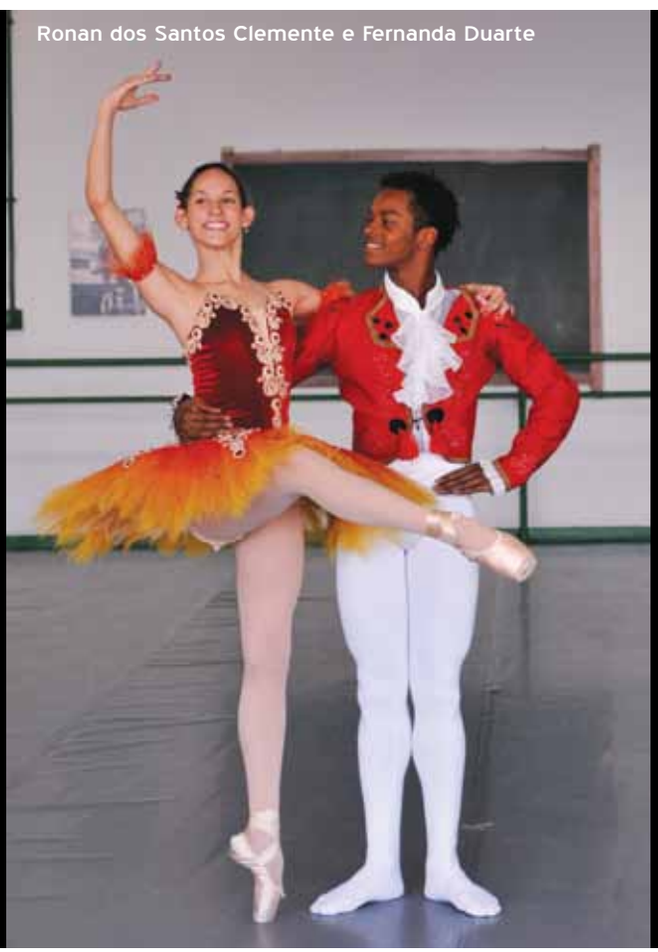
Depois de cinco anos de muito trabalho, o projeto recebeu um patrocinador de peso, a Petrobras, através da Lei de Incentivo à Cultura e com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Lufhthansa, da Vila Olímpica da Mangueira e do cineasta Walter Salles, que financia a estada dos alunos que conquistam bolsas no exterior.

Atualmente, o projeto atende cerca de mil crianças e jovens de 13 comunidades da cidade: Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, Rocinha, Mangueira, Chapéu Mangueira e Babilônia, Morro dos Macacos, Jacarezinho, Tuiuti, Salgueiro, Dona Marta, Oswaldo Cruz e Morro do Borel.

E conta ainda com a parceria do Ministério da Cultura, por meio da Lei Rouanet, do governo do

Acima, a bailarina Vanessa Duarte





Ronan dos Santos Clemente e Fernanda Duarte

Estado do Rio de Janeiro (Secretaria de Cultura e programas Mais Cultura, Ponto de Cultura e Cultura Viva). E mais com o auxílio das associações de moradores das comunidades beneficiadas, dos Cieps Ayrton Senna, Salvador Allende e João Goulart, do Teatro Leblon, do Teatro das Artes, da UniverCidade, dos curso de inglês Brasas e de alemão Baukurs, do Instituto Master de Cultura e do Centro Calouste Gulbenkian.

BALÉ NA LAJE

Por ocasião da recente apresentação da companhia, aberta a toda a população, numa laje do Cantagalo, a primeira bailarina do Theatro Municipal e madrinha do projeto, Ana Botafogo, declarou que tem uma enorme satisfação em

"A gente já encontrou muitos talentos. Claro que eles têm de ser trabalhados ao longo de pelo menos oito anos para poder se formar um bailarino. Mas a gente tem descoberto muitos talentos"

Ana Botafogo

fazer parte do início das comemorações dos 15 anos de projeto.

Disse, orgulhosa, "A gente já encontrou muitos talentos. Claro que eles têm de que ser trabalhados ao longo de pelo menos oito anos para poder se formar como bailarino. O bom é que, hoje, os meninos que já são profissionais servem de exemplo para os que estão entrando. É um projeto sério, que deu certo, e que mostrou com seu próprio trabalho todas as benesses que trazia não só para as crianças, como também para suas famílias."

Na laje, foi apresentada uma das mais recentes montagens da companhia, "Favela" (com trilha do maestro Leandro Braga, que inclui o hip-hop de MV Bill), que traz, no elenco, jovens aprendizes que também exercem o papel de monitores das classes de iniciantes. E o *pas de deux* do balé "Corsário", tendo como convidado o bailarino Carlos Cabral, solista do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que dançou com a jovem Samara, aluna do Pavão-Pavãozinho.

cidadania

Um novo balé está sendo preparado para a tradicional apresentação pública de final de ano, sob a direção artística de Thereza Aguilar e do primeiro-bailarino do Theatro Municipal Paulo Rodrigues, um dos professores do projeto.

Dessas exibições, participam profissionais de dança e alunos do projeto de todas as comunidades. "Desde 1996, essa é a oportunidade de confraternização da 'Família Dançando' e de mostrar à sociedade o trabalho realizado, na busca pela concretização do restabelecimento da cidadania", destaca Thereza.

espetáculos para o grande público

Foi em 1996, que o Dançando montou o primeiro espetáculo de balé numa favela, com um repertório variado e que teve como destaques o *pas de deux* de "O quebra-nozes", de Tchaikovsky, e a coreografia para o chorinho "Flertando", de Ernesto Nazareth, com a participação dos bailarinos Ana Botafogo, Marcelo Misailides, Raquel Ribeiro e Cristiane Quintan.

O professor Paulo Rodrigues dando aula na nova sede

Fachada da nova sede na Rua Frei Caneca

No ano seguinte, a exibição aconteceu no Forte do Leme, com o balé "Paquita", de Minkus, com a Cia. de Eugenia Feodorova e as crianças do Dançando. O Arpoador foi o espaço público do ano seguinte, com apresentação de peças clássicas como "Danúbio azul", de Strauss, e coreografias com músicas de autores brasileiros, a exemplo de "Ciranda da bailarina", de Edu Lobo e Chico Buarque.

Na Mangueira, em 1999, o ponto alto foi o "Lago dos cisnes", dançado por Ana Botafogo e Paulo Rodrigues. A cada ano, o repertório foi se ampliando e as montagens sendo realizadas na Praia de Ipanema, no Largo da Carioca, na Cinelândia, Praia do Flamengo, no Teatro João Caetano (em uma das apresentações nesse teatro, 2004, inicia-se a formação da Cia. Dançando Para Não Dançar).

Depois de "Coppelia", de Leo Delibes, "A bela adormecida", de Marius Petipa, e música de Tchaikovski e outras coreografias para peças de autores nacionais, o projeto prestou homenagem ao escritor Jorge Amado, em "Gabriela: Ritmos Amados", coreografia de Paulo Rodrigues e música de Leandro Braga), e ao educador, compositor e maestro Villa-Lobos, em "Amazônia: Floresta do Brasil - Um tributo a Villa-Lobos".

Além dessas apresentações, a Cia. Dançando Para Não Dançar faz espetáculos a convite de organizações não governamentais (ONGs), escolas, universidades, órgãos públicos, entidades civis, o Centro de Recuperação Integrada de Atendimento ao Menor (Criam Bangu). Participa ainda, a convite, de eventos como a Campanha Nacional Contra a Poliomielite, da Fundação Oswaldo Cruz, além de grandes espetáculos do setor, como o Seminário Internacional de Dança de Brasília.

Passaporte para o futuro

Em 1998, foi fundada a Associação Dançando Para Não Dançar, com o objetivo de atender às inúmeras solicitações e ampliar o raio de atuação do projeto, visando à integração social dos menores que vivem em situação de risco nas favelas da cidade. Além das aulas de balé clássico, passaram a ser ministradas aulas de prática e teoria de repertório, suporte socioeducativo

Ronan dos Santos Clemente e Bárbara Melo Freire

com atendimento médico, dentário, psicológico, fonoaudiólogo, de assistência social, inclusive para os familiares diretos.

As crianças e os jovens do Dançando também recebem aulas de informática, reforço escolar, como as de redação, de inglês e alemão, e muitos deles cursam faculdades, na condição de bolsistas. Alguns continuam se aprimorando em companhias brasileiras — a exemplo do Stagium, Corpo e Deborah Colker — e do exterior, como Alemanha, Estados Unidos e Cuba e outros países.

Entre os que ingressaram no projeto, três dos que conquistaram bolsas no Staatliche Ballettschule Berlin vieram rever a família este ano. Os rapazes Ronan Clemente e Luan Donato, de 17 e 18 anos, e a agora solista do Dortmund Ballet, Barbara Melo, moradora do Pavão-Pavãozinho, e que ingressou aos 11 no projeto e saiu do país aos 13 (ela está agora com 25).

Diz ela de sua trajetória: "A Thereza Aguilar mudou a minha vida. Foi a primeira pessoa que tentou e conseguiu levar essa dança, que, até então, era frequentada por meninas de classe alta, para as favelas do Rio de Janeiro. E foi lá onde eu morava que ela realizou, pela primeira vez, essa ideia.

Ao ver meninas passarem em frente a minha casa de coque, achei estranho e aquilo me chamou muito a atenção. Até que eu perguntei a minha vizinha, que fazia parte desse grupo de meninas, para

onde elas iam todos os dias daquele jeito. Ela me levou até lá e, na mesma hora, me apaixonei pela dança para sempre. Até os 11 anos, não sabia o que era balé, nunca tinha visto algo parecido muito menos tinha entrado num teatro".

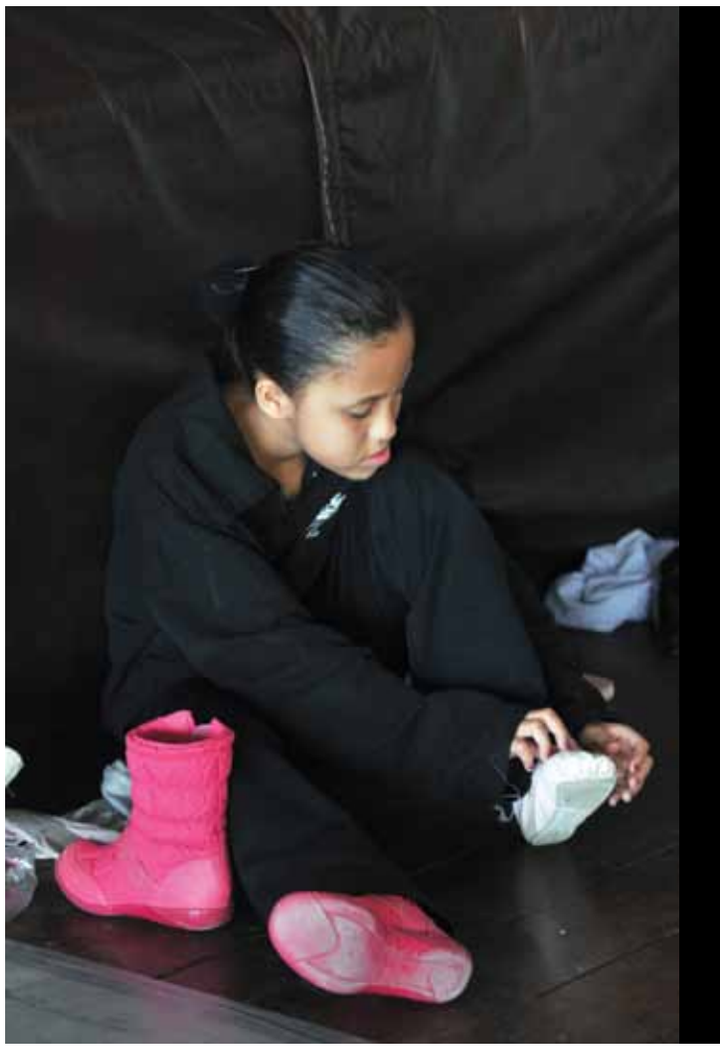
Por ora, Barbara não pensa em regressar ao país. Sabe que tem muito ainda a aprender e vivenciar mundo afora. Deu algumas aulas e transmitiu sua experiência às meninas mais jovens do projeto, enfatizando o valor da disciplina na vida da bailarina.

"Espero ser vista como exemplo para as crianças lá do morro. Sempre que venho, converso com elas e as motivo a não largar o balé. Porque mesmo que nem todas se formem em bailarinas, ali elas estão, querendo ou não, entrando no mundo cultural. E o objetivo do projeto não é só o de ensinar balé. É também poder ter a chance de um novo rumo de vida, um futuro melhor", assegura.

De casa nova

O Dançando não para de crescer e romper barreiras. Conseguiu a cessão do casarão, onde antigamente funcionava o Gabinete de Análise do Leite (órgão público da Administração Federal), na Rua Frei Caneca, 139, para ali instalar a nova sede do projeto e a Escola de Dança. Pretende, assim, atender à demanda reprimida de centenas de crianças e jovens que estão na fila de espera das 13 comunidades e abrir vagas para crianças de outras. O prédio, que estava caindo aos pedaços, foi todo reformado e restaurado, sendo hoje motivo de orgulho para os alunos e os apoiadores do projeto.

Além da sede da escola, o projeto tem ainda um núcleo na Vila Olímpica da Mangueira, com sala de balé, piano, consultório de dentista, consultório médico e um laboratório de informática para as crianças e mais nove salas adaptadas



para as aulas de balé clássico montadas nas comunidades. O Dançando em Cultura promove, através de convênios, o acesso de alunos e familiares aos eventos culturais da cidade — teatros, cinemas, museus, circos e, obviamente, aos espetáculos de dança.

Barbara Melo torce para que iniciativas semelhantes venham a surgir no País: "Acho que, se o Brasil valorizasse mais projetos sociais como este, quem sabe não teríamos um país melhor? O projeto, como seu nome mesmo diz, ensina a não dançar na vida. Abre portas onde nem mesmo portas existem." Que assim seja!

Sapatilhas ao som de Leandro Braga

Um dos mais prestigiados instrumentistas e arranjadores da nossa música, o premiado maestro Leandro Braga é um dos parceiros do Dançando Para Não Dançar. Apresentado à idealizadora do projeto, Thereza Aguilar, por uma amiga comum, Maria Lucia Camisão, Leandro atua como diretor musical e é autor da trilha de três espetáculos já encenados pelos jovens bailarinos.

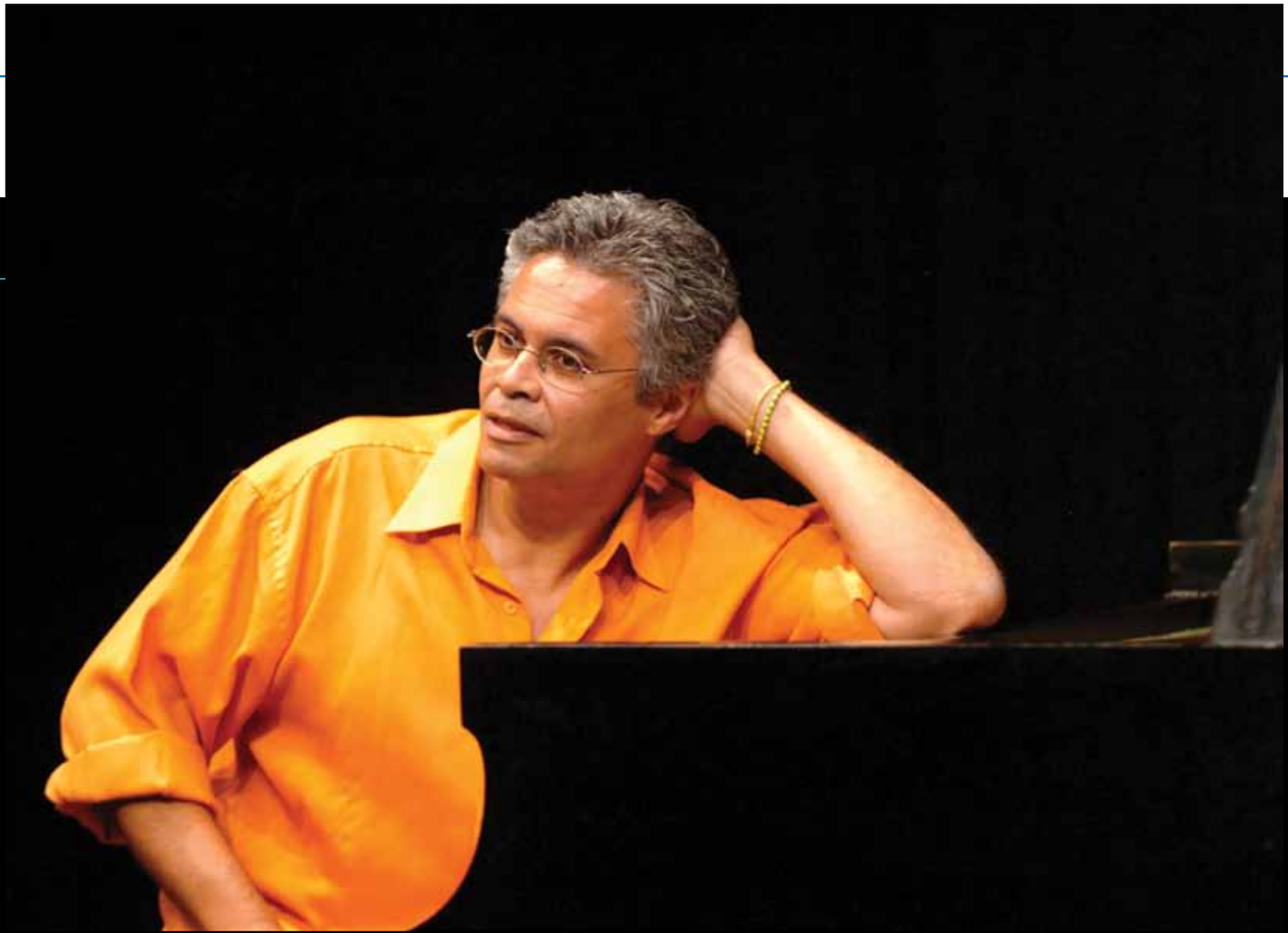
"Fiz a música para 'Gabriela, ritmos amados', que inaugurou nossa parceria. Em seguida, o espetáculo sobre Villa-Lobos e o mais recente, 'Favela', fazendo uso da cultura do hip-hop. Gravo as trilhas, usando sons de computador, com seus recursos e sua sonoridade. O trabalho da Thereza é exemplar e, participar dele, só me enobrece. Sinto-me honrado com a confiança depositada em mim, pois ela me faz as solicitações das músicas com poucas limitações, deixando-me muito à vontade", afirma.

São numerosos os shows e discos de grandes nomes da MPB que levam a assinatura dele, seja como instrumentista ou arranjador. Artistas do gabarito de Chico Buarque, Milton Nascimento, Adriana Calcanhoto, João Nogueira, Edu Lobo, Leila Pinheiro, Ivan Lins, Emílio Santiago, Beth Carvalho, Fafá de Belém, Elba Ramalho, Zélia Duncan.

Leandro é também o responsável pelos arranjos e a direção musical do CD e do recém-gravado DVD "Beijo bandido", de Ney Matogrosso, trabalho que veio desenvolvendo desde 2008, que recebeu os aplausos da crítica especializada e foi reconhecido pelo júri da 21ª edição do Prêmio da Música Brasileira.

Sua experiência com trilhas sonoras é vasta. Na área do audiovisual, Leandro participou de "Policarpo Quaresma, um herói do Brasil", de Paulo Thiago, "O povo do veneno" (vídeo produzido pelo Ibase sobre a tribo indígena Zuruahá, premiado em festivais nacionais e europeus), "Meu nome é João" (outra produçãodo Ibase); e "China, o ponto de mutação" (série dirigida por Lucélia Santos, em coprodução portuguesa e brasileira). Além das apresentações de encerramento da minissérie "Chiquinha Gonzaga", da Rede Globo de Televisão, que o inspirou a gravar o CD "A música de Chiquinha Gonzaga".

E foi com o mesmo entusiasmo que ele aceitou o convite para escrever músicas para as montagens do projeto: "O Dançando, até onde sei, usava em seus espetáculos somente música erudita, um repertório já existente. Eu sempre fui fascinado por balé, por ver minhas músicas



dançadas, coreografadas. Eu também dirigia uma ONG, a Toca O Bonde, que ensinava música em comunidades. Daí, ser um trabalho muito gratificante o de compor, ver minhas músicas dançadas, e, ainda mais, por crianças moradoras em comunidades", comenta.

Educador e autor de dois livros de partituras, Leandro afirma que dá o mesmo tratamento à essa tarefa que a de astros e estrelas da música. "Quando escrevo para o Dançando Para Não Dançar, sigo exatamente o mesmo processo de quando estou compondo para qualquer outro tipo de trabalho. Vou compondo e imaginando o espetáculo acontecendo, as crianças dançando e se divertindo. Divirto-me muito com isso, apesar da extrema seriedade com que encaro esse trabalho. E ele me emociona demais, realiza-me demais. Mais até do que muitas situações em que trabalho com artistas profissionais", destaca.

E adianta: "Nosso próximo trabalho será uma homenagem a Portinari, e vamos nos basear em algumas de suas obras mais conhecidas: será mais um desafio delicioso a ser enfrentado."

Só o divino traduz o arpoador

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

Atrás da pedra emerge do Atlântico
Tão linda, joia rara, corpo esplêndido
Faz quem te ver, ter olhos de romântico
Felicidade em cada rosto atônito

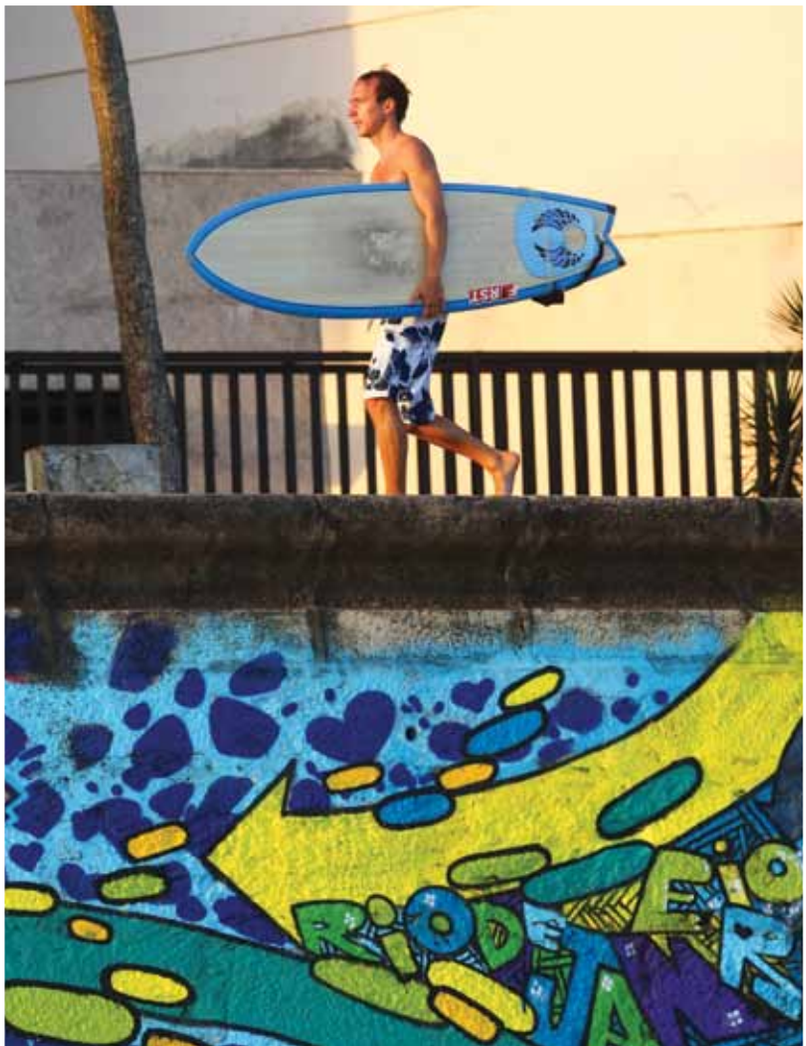
(Ivan Lins)

Tava passeando no
Arpoador
Parei pra pensar no amor
A brisa me disse
Pra eu não me desesperar
Que no mês de fevereiro
tudo vai mudar...

(Mart'nália)

Vago na lua deserta das pedras
do Arpoador
Digo 'alô' ao inimigo
Encontro um abrigo no peito
do meu traidor
Faz parte do meu show

(Cazuza / Renato Ladeira)



Meu coração bate feliz eu
sei por que
Me faz pensar
Â“Dês yeux que font
baisser les miensâ”
Vou sonhar com você o
melhor e depois
Um pôr do sol no Arpoador

(João Donato)

Sonata para Strozenberg

por Mônica Sinelli

A clássica garoa paulistana determinou uma correção de rota de sonhos na vida do temporão de três filhos de uma família vinda da Bélgica, no início da Segunda Guerra Mundial, para se estabelecer em Sampa. Foi esse o argumento usado pela dona de casa Minnie para convencer o marido, Nuta, a se transferir para o Rio de Janeiro, certa de que o clima carioca aliviaria parte dos desconfortos de saúde por ela atribuídos às incessantes chuvinhas do possível novo quilombo de Zumbi. E fez-se a ponte mágica entre as duas avenidas – Paulista, onde Armando Strozenberg veio ao mundo na Pró-Matre – e Atlântica, que siderou, indelevelmente, seu olhar.

Corria o ano da graça de 1955 e a mudança não poderia ter sido mais cinematográfica, como lembra o herdeiro do casal, o premiadíssimo jornalista e publicitário Armando Strozenberg. A família se instala em plena Avenida Atlântica, no lendário (pelo projeto modernista) Edifício Costa Martins, no Posto 6. Com mais de 600m², seus apartamentos são os primeiros a adotar esquadrias de alumínio inteiriças para vidros do piso ao teto, proporcionando uma integração absoluta com o mar de Copacabana, durante o dia, e o contorno perfeito da praia iluminada à noite — mais o supremo luxo do Pão de Açúcar ao fundo. "Que choque estético! Que diferença! mesmo para quem já morava numa casa confortável no belo e pacato bairro paulistano dos Jardins. A lembrança mais marcante que guardo de quando cheguei aqui é exatamente a dessas vistas dia/noite. E com um detalhe precioso: ainda não estava duplicada a pista da Atlântica, nem a faixa de areia da praia, o que garantia a Copacabana um formato em curva quase perfeito. Eu gostava de rodar com o meu patinete pelos generosos espaços do apartamento e, quando chegava à varanda, fazia pitstops cada vez mais longos, só para ficar ali mirando aquela vistaça. Que, aprendi depois, não se repete nunca", ensina o mestre da Comunicação.

Logo, Armando assumiria seu espaço na praia, ao treinar no time de base do Lá Vai Bola, um dos muitos clubes de futebol de areia da região que, anualmente, disputavam o campeonato. Mas, admite, bem cedo, manifestou-se uma total inadequação para o esporte inventado pelos

ingleses, em especial, em sua dificílima versão na quadra fofa. O que não o impediu de assumir a condição de eterno reserva — e de já um razoável emissor de pitacos para os técnicos. Filho de um empresário pioneiro na fabricação de aparelhos de televisão e de rádios para automóveis, Armando Strozenberg se considera um típico herdeiro da forte tradição judaica de ênfase nos estudos. "Tive de me dividir em três no momento da decisão, aos 17 anos, em torno de qual formação acadêmica eleger: Engenharia e/ou Direito, para atender aos anseios explícitos do meu pai, Jorna-

"Gostava muito de produzir matérias que exigiam apuração longa e profunda; uma delas, que alcançou enorme repercussão, resultou de mais de 500 viagens de elevador conduzidas por cabineiros em 40 prédios da cidade"

lismo para me atender. Obtive aprovação nos três vestibulares. Mas, a partir do segundo ano, optei pela então Faculdade de Jornalismo da Universidade do Brasil (atual UFRJ), resolução, aliás, que não implicou qualquer tipo de sanção por parte do Nuta que pudesse gerar em minha vida mais uma razão para sofrer da proverbial culpa judaica", brinca ele, a quem as ciências humanas sempre comoveram em maior grau do que as exatas. "O Jornalismo respondia a um conjunto de traços meus: uma curiosidade infinita, forte preocupação social, um fascínio enorme pela comunicação de massa e visível aversão às quatro paredes. Um dos meus professores do primeiro ano da faculdade, Zuenir Ventura, achou que este seu aluno levava jeito para a profissão. E logo me convidou para participar, como repórter e redator, de uma das experiências jornalísticas mais inovadoras da história da imprensa brasileira: a reforma do tradicional Diário Carioca, ao lado de feras como Nelson Rodrigues, Evandro Carlos de Andrade, Armando Nogueira e José Augusto Ribeiro. Um primeiro privilégio profissional, aos 19 anos", reconhece.

as papillons de dalí

O segundo viria com o convite de Alberto Dines para integrar a redação do JB, que, nos anos 60, se tornara o jornal mais moderno e influente do país. Lá, trilhou, durante 12 anos, uma carreira fulminante: repórter de Geral e do Caderno B, redator de Internacional, correspondente em Paris e editor de Pauta, do Caderno Especial e de Reportagem. Em paralelo, dirigia o jornalismo da Rádio JB, tendo participado da implantação da Cidade FM, emissora inédita voltada para os *teens*. Conta o repórter que, na madrugada do dia 1 de abril de 1964, recorreu aos seus bons contatos na praia para cobrir, com exclusividade, e anônimo, a tomada do Forte de Copacabana: "Gostava muito de produzir matérias que exigiam apuração longa e profunda; uma delas, que alcançou enorme repercussão, resultou de mais de 500 viagens de elevador conduzidas por cabineiros em 40 prédios da cidade. Quantas histórias - sem começo ou fim - aqueles profissionais ouviram! Quantas vezes reduziram a velocidade ou simulavam defeito para não perder um detalhe de diálogo entre um casal adúltero, dois empresários desonestos ou trio de políticos em plena armação de mais uma malvadeza. No Caderno B, relatei 20 horas de convivência com Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em histórica visita ao Rio. Deu-se, talvez, naquele momento, a apresentação da opinião pública brasileira ao conceito de amizade colorida, quando a dupla de intelectuais detalhou ao repórter o cotidiano da experiência de casal", observa.

A gênese da substituição de Nara Leão pela desconhecida Maria Bethânia no principal papel do célebre musical Opinião, de Vianinha e Ferreira Gullar, com Zé Keti e João do Valle. Os bastidores da produção dos episódios que compuseram o filme 5 x Favela. A revolucionária exposição dos

"O mundo nunca mais foi o mesmo, com Paz e Amor na Califórnia, Carnaby Street na Inglaterra e a Primavera de Praga, contra a ocupação soviética. Poucos meses depois, lá estava eu na Passeata dos 100 mil, a nossa versão de inconformismo contra a ditadura militar, em plena Avenida Rio Branco"

artistas Antonio Dias, Rubens Gerschman, Carlos Vergara e Roberto Magalhães que marcou como talvez nenhuma outra a história da arte contemporânea brasileira. A introdução em reportagens de opiniões de psicanalistas. Tudo isso passou pelo registro sensível de Armando. "Em Paris, graças a um cartão de visita que mandei confeccionar, pelo qual me transformei num respeitável Catedrático em Cardiologia da Escola Francesa de Medicina, tornei-me um dos três jornalistas a obter entrevista exclusiva com Christian Barnard, o primeiro cirurgião a realizar com sucesso um transplante de coração, realizado na Cidade do Cabo. Além disso, após três meses de pedidos insistentes por um encontro, sempre inexplicavelmente recusados, foram hilárias as duas horas com o mestre surreal Salvador Dalí. Afinal, descobri que, até então, ele se recusava a ter qualquer tipo de contato com pessoas originárias de um país que 'matava borboletas para fabricar bandejas, pratos e outros suvenires', à época um best-seller em nossas lojas de produtos para turistas. Por que ele decidiu me receber na magnífica suíte que ocupava no terceiro andar do Hotel Le Meurice, na Rue de Rivoli? Ao nos despedirmos, ele soltou esta pérola: "Esta noite vou dormir menos atormentado, se for verdade a história de que as *papillons* não são vítimas de

matança, mas apenas têm um ciclo muito curto de vida.´

O início da passagem de quase seis anos em Paris foi, parcialmente, dedicado a uma pós-graduação em Sociologia da Comunicação na Faculdade de Ciências Políticas. "Eis que as circunstâncias me reservaram outro privilégio: cobrir, mais bem situado que a maioria das centenas de jornalistas do mundo, o episódio que ficou conhecido como os Acontecimentos de Maio de 68. Na dupla qualidade de jornalista e estudante, pude me mover com mais facilidade entre os dois lados das inúmeras barricadas e os controles policiais que tomaram conta das principais ruas da cidade. Desse período é a entrevista premonitória que fiz meses antes com o estudante Daniel Cohn-Bendit, na qual se revelaram algumas reflexões que dele fariam a figura-síntese do inconformismo da época, explicitadas por palavras de ordem como É proibido proibir e A imaginação no poder. De fato, o mundo nunca mais foi o mesmo, com Paz e Amor na Califórnia, Carnaby Street na Inglaterra e a Primavera de Praga, contra a ocupação soviética. Poucos meses depois, lá estava eu na Passeata dos 100 mil, a nossa versão de inconformismo contra a ditadura militar, em plena Avenida Rio Branco." Horas depois, aconteceria a cerimônia de seu casamento civil com Ilana, apadrinhado por outros dois jornalistas participantes da protestação — Ana Arruda Callado e Fernando Gabeira.

Voo migratório

Como editor do Jornal do Brasil, Armando introduziu o conceito de especialização na reportagem diária brasileira, dividindo a equipe dos chamados generalistas por áreas de interesse, como Cidade, Segurança, Educação, Saúde, Cultura, Comportamento e Política. "O JB foi, até alguns anos, a marca mais forte e valiosa da imprensa no país. Para isso, não apenas colaboraram o conteúdo, a modernidade e o poder do veículo advindos da incrível — e possivelmente única — reunião de tantos talentos jornalísticos num só espaço em três décadas, como também a capacidade de traduzir a produção da *inteligent-*

"Às 20h de uma noite de 1981, entrava no ar, em cadeia regional de rádio e TV, a campanha BarraShoping/ShoppingShow, comandada por uma superprodução estrelada pelas Frenéticas, grupo que, anos antes, transformara-se num dos ícones da carioquice na MPB"

CASA DO SABER
GRANDES FILÓSOFOS
O PÓS-MODERNO
BENJAMIN, LYOTARD, DELEUZE E
DERRIDA
Evando Nascimento

zia do Rio, além do compromisso explícito com as manifestações da carioquice da cidade. Meu luto começara e terminara há alguns anos, mais precisamente quando percebi que, como leitor, nenhum daqueles atributos de marca estavam mais presentes nem no conteúdo nem na forma do jornal. O fim do JB em papel é a mais perfeita metáfora de uma agonia extinta. E, diante da inexorabilidade, até um alívio."

Nos anos 70, chegariam a ele três propostas de trabalho, cada uma apontando para uma vertente de comunicação. Uma, de Armando Nogueira, já dirigindo o jornalismo da TV Globo, para participar do projeto de criação do Jornal Internacional (hoje Jornal da Globo). Outra, de duas diretoras de departamento da PUC, com o objetivo de criar uma faculdade de comunicação fora dos padrões vigentes, mais experimental e muito bem equipada — o Centro Unificado Profissional (CUP), atual UniverCidade. E uma terceira, no sentido de fundar uma agência de publicidade, que se transformaria na Propaganda Estrutural, em 1976, em sociedade com o diretor de arte Rogério Steinberg. "Aceitei as duas últimas, abrindo mão da TV, sob o pretexto (datado) de não ser um meio tão sério como o trabalho do jornalismo impresso. Prevaleceu o argumento, este, sim, poderoso, da perspectiva de vir a ser pai de gêmeos meses depois, o que exigiria uma dedicação maior que a usual e com a qual o trabalho noturno em redação não combinaria."

Bananas: Marcação de lugar no restaurante carioca Roberta Sudbrack, em noite de lançamento de cardápio novo, intitulado "Divino, Maravilhoso"

Na Estrutural, uma criação é especialmente guardada com carinho por Armando e, também, pela memória dos cariocas: a do lançamento de um shopping erguido em um ponto longínquo (Avenida das Américas, Barra da Tijuca), com poucos acessos das Zonas Sul e Norte para lá. A agência recomendara transformar o fato num grande acontecimento. Pela primeira vez, a produção e veiculação de um comercial tão extenso: três minutos! "Às 20h de uma noite de 1981, entrava no ar, em cadeia regional de rádio e TV, a campanha BarraShoping/ShoppingShow, comandada por uma superprodução estrelada pelas Frenéticas, grupo que, anos antes, se transformara num dos ícones da carioquice na MPB. Engarrafadas na Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, as pessoas saíam de seus carros e dançavam ao som do refrão que os rádios retransmitiam - e que rapidamente tomaria conta da cidade", refresca Armando.

Visão contemporânea

Final de 1983. Rogério Steinberg decide dedicar-se a uma campanha que repatriasse o atacante Zico da Udinese italiana para o seu Flamengo. Independentemente de sua condição alvinegra, o sócio não concorda em pôr a agência inteira a serviço do projeto. Deixa a Estrutural e cria a Contemporânea, um projeto inédito, financiado

pelos principais clientes da antiga companhia que não queriam abrir mão do "talento, do padrão ético e do comprometimento profissional únicos do Armando Strozenberg", conforme declaração à imprensa na época. Convida Mauro Matos e José Calazans para dividir a direção da nova agência que, em dez anos, se torna uma das mais premiadas do país. Mais tarde, venderia parte de seu controle para a gigante norte-americana Interpublic. Hoje, mantém *joint-venture* com a Euro RSCG, do conglomerado Havas, o quarto maior do mundo, com base em Paris, da qual é chairman. No currículo, mais de dois mil prêmios recebidos por campanhas memoráveis, como para o JB (Um jornal é tão bom quanto as verdades que ele diz e Democracia — Abre as páginas sobre nós), O Globo (Você pode concordar ou discordar — O que você não pode é deixar de ler), a Fundação Roberto Marinho (Educação é tudo) e o jornal Extra (O jornal que você escolheu, alusão ao concurso público que permitiu a participação direta de 200 mil pessoas no processo de seleção do nome do novo veículo).

Com a disponibilização de novas ferramentas e conceitos de sustentabilidade, inclusão social e do fator politicamente correto, qual deve ser a agenda da comunicação da era globalizada, sob a ótica do duplamente eleito Publicitário do Ano nos biênios 1986/1987 e 1999/2000? "A comunicação mercadológica deixou de ser uma via de mão única. Hoje, a força do consumidor é tão grande ou até maior do que o poder de comunicação das marcas de produtos e serviços. Vender não é mais apenas convencer alguém a comprar. É suprir necessidade, desejo ou carência. E já faz parte do léxico da publicidade a percepção de que o mundo é um só — finito se todos não fizerem a sua parte — e a ecologia política, um avanço, não um obstáculo. E de que a inclusão social não é um favor, mas um dever", enfatiza.

"Poucas cidades têm o potencial de inspiração do Rio, pelo conjunto da obra. É a única no planeta que, independentemente de classe, gênero e idade, ostenta uma população de elegância ímpar"

não é a cara do Rio?

A partir de um determinado momento de sua bem-sucedidíssima carreira, Armando decidiu incorporar a ela projetos em que, sem cobranças, o prazer em realizar fosse predominante. Hoje, é vice-presidente nacional da Associação Brasileira das Agências de Publicidade (Abap), membro do Conselho Superior e presidente da 3ª Câmara de Ética do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) e conselheiro da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e da Associação Brasileira de Propaganda (ABP), a qual havia presidido por dois mandatos. E integra o *board* consultivo da Brazil Foundation, ONG sediada em Nova York que há 10 anos investe aqui em projetos sociais com recursos levantados em comunidades brasileiras no exterior.

"Confirmo minha paixão pelo Rio atuando como conselheiro do Museu de Arte Moderna (MAM), da Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira, do Instituto Contemporâneo de Projetos e Pesquisas e do Instituto Light. Mas foi com atitude de carioca resistente que reuni, há cinco anos, um

grupo de amigos para implantar na cidade a Casa do Saber. Tecnicamente, um investimento a fundo perdido. Na prática, uma curadoria com retorno - mais de 15 mil pessoas, quase mil professores e patrocinadores importantes aderiram à proposta de um centro de debates e disseminação do conhecimento que permite o acesso à cultura de forma envolvente, porém rigorosa e fiel às obras dos criadores, quase sempre desenvolvida em pequenos grupos para garantir uma troca de ideias ampla. De sua Carta de Princípios, consta 'Por um saber sem dogmas'. O saber é um meio de aprimorar o ser humano: pressupõe o debate, o embate democrático e a diversidade de ideias. Não é a cara do Rio e do jeito carioca de ser"? Totalmente. A parceria recente com o SESC Rio se insere no desejo da Casa de aprofundar seu papel comunitário, mantendo-se viável como empreendimento. Na visão de Armando, nada mais natural do que aproximar duas marcas que as pesquisas colocam no topo em padrão de serviços culturais no estado - uma produzindo conhecimento, outra gerando acesso mais amplificado, incluindo não só seus milhares de associados, mas também os bairros cariocas e as cidades fluminenses em que atua com diversificadas programações.

Morador do Leblon há 42 anos, o ecletíssimo filho da terra da garoa assegura manter intensas relações com o Rio, o que prova com uma lista de fôlego. "Corro atrás da cidade o tempo todo. Música no Teatro Municipal, samba na Rocinha, arte no CCBB, visitas aos jardins da Casa de Ruy Barbosa, surpresa com a monumentalidade bela do hangar de zepelins em Santa Cruz, entrega ao deslumbramento do Jardim Botânico, Outeiro da Glória com o Corcovado ao fundo, igreja N.S. da Penha percebida através da janela do boeing minutos antes de desembarcar no Tom Jobim, o MAM, um simples chá gelado da Colombo no Forte de Copacabana, um sanduba de pernil com abacaxi do Cervantes, Maracanã lotado, a delicadeza silenciosa do Passeio Público, a Praça Paris, o bacalhau do Adegão em São Cristovão ou do Barracuda na Marina, percorrer a orla da Lagoa a qualquer hora, degustar um dry (ou dois?) na pérgula do Copa, uma caipira na varanda do Iate, uma cervejinha de isopor na madrugada da rua do Lavradio, subir para Santa Teresa em busca dos prazeres proporcionados pela mesa do Aprazível e pelos ateliês de Iole de Feitas, Carlos Vergara e Bechara, a orla do Arpoador, a suave imponência do Real Gabinete Português de Leitura, do Paço Imperial, da Biblioteca Nacional ou do Museu Histórico Nacional, os camarões nas morangas do Barreado em Vargem Grande, o Museu de Astronomia no alto da Gamboa, a Floresta da Tijuca. E tantos outros programas mil... Poucas cidades têm o potencial de inspiração do Rio, pelo conjunto da obra. É a única no planeta que, independentemente de classe, gênero e idade, ostenta uma população de elegância ímpar, apresenta beleza natural estonteante — porque vertical e horizontal, azul e verde —, propõe o desafio de vizinhança entre pobres e ricos em 99% de sua área, além de oferecer, simultaneamente, as delícias de balneário turístico insular e a amplitude de uma programação de metrópole adulta", aplaude.

No horizonte, como sempre, planos e mais planos. Entre os, na sua classificação, confessáveis, voltar com mais intensidade ao exercício da fotografia; dar sequência às viagens pelo planeta afora, privilegiando sempre as ilhas; e convencer os sócios a editar o mais rapidamente um livro à altura da qualidade e quantidade da produção publicitária da Contemporânea. "É uma dívida que temos com o Rio e o mercado desde que a agência completou 25 anos, no final de 2008", frisa Armando. E que os cariocas seguirão cobrando com especial diligência.

Quando o tempo fecha, é importante saber onde vai chover.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

Aqui a notícia chega antes.

Relatório Reservado, especializado em economia do mercado brasileiro.

O RR não tem participação em empresas, não gerencia fundos. Nossos analistas trabalham para você, leitor, investidor, com a independência dificilmente encontrada em outras fontes.

www.relatorioreservado.com.br

Quem disse que o champanhe acabou?

por Kelly Nascimento

Receber, frequentar e viajar são os verbos mais conjugados por ela. Símbolo de elegância e figura ícone do *jet set* carioca, Lourdes Catão entende de *high society* como ninguém. Do alto de seu conhecimento social ímpar, é quem decide quem entra no livro Sociedade Brasileira, lista de bacanas da cidade do Rio. Para a tarefa, conta com a *expertise* acumulada em mais de meio século recebendo e frequentando. Para Lourdes Catão, a vida sempre foi uma festa.

Lourdes foi criada pelo avô paterno, Otto Prazeres, então secretário-geral da Câmara dos Deputados. Aluna do tradicional Colégio Sion, casou-se aos 18 anos com o engenheiro Álvaro Catão, cuja família era dona de negócios em vários setores, como mineração, indústria química e portuária. "Minha família decidiu que eu tinha de fazer era um curso de dona de casa e me puseram na escola de duas francesas para aprender a cozinhar, varrer, costurar, tudo. Então, casar era meu destino", recorda.

Ao lado de Álvaro, a festa nunca terminava. "Casei-me aos 18 anos com Álvaro Catão. Nós saíamos muito, frequentávamos, viajávamos. Criamos nossos filhos. Eu recebia muito, dei grandes festas na minha casa da Urca. Era uma socialite — um nome que, hoje em dia, eu peço que não me chamem!"

Nas décadas de 50 e 60, em seu famoso casarão em estilo neoclássico, nas franjas do Morro da Urca, recebeu presidentes da República, embaixadores, artistas e a fina flor da grã-finagem carioca. Sobrenomes tradicionais, claro, não faltavam: os Guinle, os Mayrink Veiga, os Monteiro de Carvalho, os Klabin. Todos estavam lá. E as recepções, por sua vez, inevitavelmente, acabavam nas disputadas colunas sociais. Assim, o nome Lourdes Catão virou paradigma de glamour no imaginário coletivo carioca.

O mesmo imaginário coletivo provavelmente se chocou com a notícia da separação do casal, no ínicio dos anos 70. Lourdes trocou Rio por Paris, onde foi viver com o playboy François Gaubin-Daudé. "Morei na França, de 1972 a 1978. Da

Na embaixada de Portugal com Álvaro Catão

Raymundo Castro Maia, Lourdes Catão, Antônio Gallotti, Liliam Xavier da Silveira e Teresa Orleans e Bragança

França, mudei-me para os Estados Unidos, em 1978. Em Nova York, eu comecei uma carreira de decoradora. Tinha uma rotina de trabalho, um escritório. Deixei de ser apenas socialite para ser decoradora."

Em sua primeira experiência no mundo daqueles em que a vida não é uma festa, saiu-se bem. Assinou apartamentos de férias de brasileiros como os Nabuco e os Monteiro de Carvalho, além do empresário Eike Batista. "Meu trabalho teve boa repercussão por lá. Cheguei até a ganhar prêmio", orgulha-se.

nova edição do sociedade brasileira

De volta ao Brasil em 2004, Lourdes se divide entre o charmoso apartamento na Praia do Flamengo e uma casa em Florianópolis. Com a morte da irmã Helena Gondim, em 2007, assumiu o posto de organizadora do livro Sociedade Brasileira, cuja próxima edição foi lançada em 15 de setembro, no Copacabana Palace. Essa é

Como júri do programa Eron Domingues, no Cassino Atlantico

30ª edição da obra, a segunda sob a batuta de Lourdes. "Com a obra, continuo uma tradição lançada por minha irmã Helena", diz.

A novidade desta edição é a entrada da nova geração. "Temos os novos Nabuco, Monteiro de Carvalho, Klabin. Todos se casaram e formaram suas famílias. Temos vários nomes estreando no livro." Daniela Sarahyba é uma das debutantes. O casamento com Wolf Kablin foi o passaporte para a modelo figurar na lista dos bacanas. A estilista de joias Julia Monteiro de Carvalho e a produtora de eventos Fabiana Tapajós, da família fundadora do Hotel Glória, também reforçam a nova edição. O catálogo reúne 2.160 nomes, 200 a mais que a versão anterior, de dois anos atrás. Ninguém saiu. "Sair não sai ninguém, a não ser as pessoas que morrem. Ou, evidentemente, se acontecer um grande deslize. Felizmente não foi o caso", diz a organizadora.

"Talvez as pessoas se convençam de que o livro é um catálogo de pessoas que você precisa encontrar. Esse livro dá a chance de se saber onde elas estão."

Apesar da renovação, o perfil ficou menos diversificado do que Lourdes gostaria. "Só consigo pôr quem esteja de acordo. Minha ideia era abrir muito mais. Talvez as pessoas se convençam de que o livro, na verdade, é um catálogo de pessoas que você precisa encontrar. E essa é a finalidade. Hoje em dia não existe mais um catálogo de telefone, como antigamente. Esse livro dá a chance de se saber onde elas estão."

Com o decorador Luiz Fernado Redó

Com Perla Mattison

A ideia de incluir artistas, por exemplo, não se concretizou. "Tentei inserir algumas pessoas de televisão, por exemplo, mas não consegui. Os artistas têm medo de se expor. De televisão, tenho o Amaury Jr.", lamenta Lourdes. Constam do livro dados como nome, residência, telefones e e-mail, não obrigatoriamente. "João Orleans e Bragança, por exemplo, pediu que não saísse seu endereço." O Sociedade Brasileira tem tiragem de 2.200 exemplares. A maior parte é vendida no lançamento. Depois, a obra é encontrada na Livraria da Travessa.

'down no high society'

Essa tentativa de renovação e ampliação do perfil das pessoas incluídas reflete a mudança de pensamento da própria Lourdes a respeito do conceito de sociedade. Para ela, grupo *high society* é algo completamente brega. O termo família tradicional, *démodé*. O importante é ter o perfil certo. "Acho que esse título de família tradicional é uma coisa um pouco ultrapassada. A sociedade abriu, renovou-se. Evidentemente que as pessoas que pertenciam a um grupo chamado de tradicional continua. Mas, nesta edição, temos várias pessoas que fazem jus a entrar no livro. Pessoas que frequentam. Pessoas que têm o perfil certo para estar no livro."

"A diferença na vida da sociedade entre a minha época de juventude e dos dias de hoje, dos meus netos, é a valorização do trabalho. Todos os meus netos trabalham. Hoje a mentalidade é totalmente diferente"

Helena, Bebel Klabin, Lourdes e Teresa Orleans e Bragança

Em seu apartamento em Nova York

Lourdes Catão acredita que a sociedade mudou. E o Sociedade Brasileira tem de acompanhar esse processo. "Não só no Brasil, como no mundo inteiro, a sociedade evoluiu. Alta sociedade é um modelo ultrapassado. Sociedade são pessoas que se comunicam. Há vários tipos. O que nós chamávamos de alta sociedade é, hoje em dia, um grupo que frequenta os mesmo lugares. Comem nos mesmos restaurantes. Frequentam as mesmas festas. São convidadas para os acontecimentos sociais que nós frequentamos. É um grupo muito extenso. Não entra no livro alguém que fez dinheiro ou queira entrar simplesmente. Tem de fazer parte do nosso grupo. Não excluímos ninguém que não seja por motivos sociais", filosofa.

E, como tudo evolui, ela gosta de pensar o livro como um "Orkut de papel. A obra inclui pessoas não só do Rio, mas de todo o Brasil." Há pessoas de vários estados, mas são pessoas que frequentam , que circulam no Rio. Evidentemente, não ia botar ninguém de Nova York que não esteja ligado ao Rio. Mas, há pessoas do Rio, de São Paulo, Santa Catarina...", lista.

A vida de Lourdes Catão hoje está um pouco diferente da dos tempos em que *high society* era coisa chique. "Hoje em dia, eu vivo para minha família. Tenho oito netos e dois bisnetos", diz.

E é nesse convívio familiar que Lourdes vai observando a evolução e as mudanças de parâmetros da sociedade. "A diferença na vida da sociedade entre a minha época de juventude e dos dias de hoje, dos meus netos, é a valorização do trabalho. Todos os meus netos trabalham. Hoje a mentalidade é totalmente diferente. Eu sempre quis trabalhar, mas Álvaro nunca me permitiu."

Apesar de viver mais para a família, o verbo frequentar jamais é eliminado do cotidiano de Lourdes Catão. "Continuo frequentando. Vou a festas, jantares. Isso eu não deixo de fazer." Para ela, a festa nunca termina.

O Rio não "bobeia"

Wanda Engel

Doutora em Educação e superintendente executiva do Instituto Unibanco

Nasci no Rio, mais precisamente no Méier e, como diz o ditado, "malandro do Méier não bobeia". Meu pai era um mecânico alemão que fazia conservação de máquinas vindas da Alemanha. Minha mãe era dedicada às prendas do lar. Éramos uma família de classe média baixa, composta ainda por minha irmã e minha avó. A certa altura, meu pai contraiu tuberculose e diabetes e teve de passar um tempo em Campos do Jordão. Imagine isso numa família de baixa renda. Acabamos conseguindo moradia num conjunto do IAPC, em Caxambi. No meio dessa debacle, minha irmã já estudava no Instituto de Educação e eu resolvi fazer concurso para lá. Eram 90 vagas para 60 mil inscritos. Normalmente, passavam os muito ricos que contribuíam com a caixa escolar e mantinham os mais pobres. Tive uma boa colocação e fui estudar na classe um, a dos mais bem situados. Todos os melhores professores do Brasil estavam lá, como Ary Quintella e tantos outros. Costumo dizer que as mulheres da minha geração que alcançaram altos postos estudaram lá, porque era uma escola modelo. E, para mim, foi uma experiência e tanto. Ao final do curso, decidi fazer Geografia na UEG, hoje UERJ, e voltei ao Instituto de Educação como professora e, depois, como supervisora, o que me levou também a cursar Pedagogia. O curioso é que os meus supervisionados eram aqueles catedráticos que um dia foram meus professores. Resolvi aprofundar meus estudos em Pedagogia, em que fiz mestrado e, posteriormente, doutorado, quando defendi tese sobre a educação voltada para as crianças pobres.

Essa experiência me levaria a dirigir o primeiro Brizolão, criado por Darcy Ribeiro, na Mangueira, o que foi marcante para mim. Conseguimos alfabetizar 21 jovens com sambas da Mangueira. A partir desse trabalho, fundei uma ONG, a Roda Viva, que atendia 800 meninos analfabetos. Era a época da redação do Estatuto da Criança e do Adolescente, que acabei por participar. Daí, ocupei cargos como secretária de Desenvolvimento Social, nos governos de César Maia e Luiz Paulo Conde, trabalhei com Dona Ruth Cardoso, depois no governo de Fernando Henrique, ocupando uma secretaria com status de ministério. Por fim, fui chamada pelo BID para chefiar a Divisão de Políticas Sociais para América Latina e Caribe. E, nos últimos quatro anos, encontro-me no Instituto Unibanco. Em todo esse tempo, trabalhei em Brasília por quatro anos, em Washington por mais quatro e, atualmente, em São Paulo. Mas sempre mantendo minha casa no Rio. Curto demais a minha cidade, aliás, adoro o "way of life" daqui. Morando fora pude perceber, cada vez mais, que o carioca sabe distinguir a seriedade da sisudez. É sério, mas está de bem com a vida, é leve. Também não é para menos, com esta cidade linda, impossível não viver de forma descontraída.

nbs

A GENTE LEVA EDUCAÇÃO E CULTURA A LUGARES QUE FICAM BEM LONGE. AO FUTURO, POR EXEMPLO.

Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da Oi que trabalha para transformar a vida de milhões de brasileiros.

Em 10 anos, já beneficiamos mais de 4 milhões de pessoas, através de programas próprios nas áreas de educação, cultura, esportes e social, além do apoio a iniciativas de outras organizações via seleção por edital. É assim que estamos inserindo cada vez mais brasileiros no mapa da cidadania.

OIFUTURO.ORG.BR

OI FUTURO

NEOGAMA/BBH

PARA FACILITAR A VIDA, UM BANCO TEM QUE TER PRESENÇA.

DE PREFERÊNCIA, EM 100% DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS.

Prefira a PRESENÇA do Bradesco. Abra sua conta.

- **49.154** Pontos de Atendimento • **3.476** Agências e **4.372** Postos de Atendimento
- **23.190** Pontos Bradesco Expresso • **6.177** Agências do Banco Postal
- **39.766** Máquinas de Autoatendimento

Fonte: Database em 30/6/2010.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br

A Presença em 100% dos municípios no Brasil leva em consideração o Banco Postal.

Bradesco